

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
O Homem



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

O Homem

(Teatro)

Publicado originalmente em 1888.

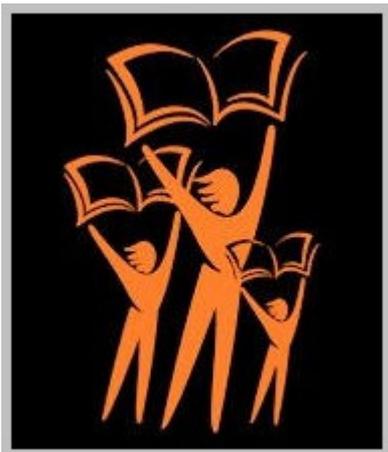
**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 509



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*O Homem*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

O HOMEM

Revista fluminense de 1887, em prosa e verso, em três atos e dez quadros.

PERSONAGENS

MAGDÁ
A ÉPOCA
DONA JUANITA
O CAFÉ ORIENTE
COMPANHIA FORÇA E LUZ
A RELÍQUIA
UMA ATRIZ CANTORA
C. - CACANJA
A JUSTIÇA
A COLÔNIA PORTUGUESA
DONA LIBÂNIA
A POPULAÇÃO FLUMINENSE
A GAZETA NACIONAL
FRANCILLON
A ACADEMIA DE BELAS ARTES
A GAZETA DE NOTÍCIAS
A COMPANHIA HELLER
LUCRÉCIA BÓRGIA
O CONSELHEIRO PINTO MARQUES
O DOUTOR LOBÃO
A DÍVIDA LAMBERTI
O PESCADOR
KEAN
O BARÃO DE CAIAPÓ
UM INGLÊS
O CAPADÓCIO DE MERCÚRIO
UM SUICIDA
UM ABOLICIONISTA
O PORTEIRO DO PALÁCIO DA IMPRENSA
UM ADMINISTRADOR
O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA
LUÍS
CAVOQUEIRO
O DOUTOR MODESTO
O DOUTOR COW-POX
UM CRÍTICO

ANTÔNIO JOSÉ
O BATATA
O GENERAL
UM ATOR ESPANHOL
FERNANDO
CAVAIGNAC
O PADRE CANECA
O GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
OUTRO ATOR ESPANHOL
UM ASTRÓLOGO
OUTRO SUICIDA
PRUD'HOMEM
O FISCAL
UM LOGRADOURO
OUTRO SUICIDA
UM ALFAIATE
O NOVIDADES
O HOMEM DOS PAPAGAIOS
O DIRETOR DO ÉDEN-CONCERTO
OUTRO SUICIDA
OUTRO ABOLICIONISTA
SOUVENIR
UM MEMBRO DO GRÊMIO DE LETRAS E ARTES
O PADRE INÁCIO
O RIO DE JANEIRO
UM INIMIGO DA JUSTIÇA
O *SPORTMAN*
UM ESPECTADOR
UM REPÓRTER
UM EMPREGADO DO TESOURO
O ESPORTE
UM ESPECTADOR E AINDA-OUTRO
UM AGENTE DE POLÍCIA
PRIMEIRO SECRETÁRIO
SEGUNDO SECRETÁRIO
TERCEIRO SECRETÁRIO
DUAS MENINAS CEARENSES
UM MANÍACO
UMA ATRIZ
A BENEFICIÊNCIA PORTUGUESA
A CAIXA DE SOCORRO COM DOM PEDRO V
O CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS
O CONGRESSO GINÁSTICO PORTUGUÊS
O RETIRO LITERÁRIO PORTUGUÊS

O CONGRESSO MARTINS DE PINHO
OUTRAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS

Transeuntes, passageiros, vendedores ambulantes, marinheiros franceses, inimigos da justiça, policiais, carregadores, keans, atores e atrizes.

MONÓLOGO PRELIMINAR

O ATOR COLAS

(Vindo do proscênio antes de subir o pano para o primeiro quadro)

Senhoras excelentíssimas.
Ilustríssimos senhores,
Desta revista os autores,
Qualquer deles bom rapaz,
Depois de mil circunlóquios,
Cada qual mais estudado,
Chamaram-me de lado,
E me disseram: - Colás.

Utilizar os teus préstimos
Nós pretendemos, amigo:
Contamos ambos contigo
- Oh! não nos digas que não
- Pra recitar o monólogo
Feito em verso fantasista,
Que à nossa pobre revista
Servirá de introdução.

Porém, do ponto na cúpula
Permitirás que eu me assente:
Assim mais comodamente
Posso conversar talvez.
No *Casamento de Fígaro*
(Este exemplo é respeitável)
O Emanuel, ator notável,
A mesma coisa já fez.

(Senta-se na cúpula do ponto, mas fica mal acomodado.)

Muitos supõem que a platéia
Facilmente se conquista
Por meio de uma revista
Que faça rir um calhau...

Não! pra aquela Macedônia
Não há decerto Alexandre...

(Levantando-se incomodado e referindo-se à cúpula do ponto.)

Esta é de folha-de-flandres,
E a do outro era de pau...
Tanto o Artur como o Sampaio,
Apesar de bem tratados,
Cada vez mais empolgados
Se sentem pelo terror...
De uma batalha o prenúncio
Têm por pérfida tortura:
Não lhes aumenta a bravura,
Não lhes inflama o valor.

De medo tremem os míseros,
E não se diga, senhores,
Que esses naturais temores
Sejam tolos, sejam vãos;
Eles receiam que o público,
Com pateada bravia,
Desfaça c'os pés, um dia,
O que têm feito co'as mãos!

Não teve nada de cômico
Este ano de oitenta e sete;
Fez-nos suar o topete,
Um ano bárbaro foi!
Ano cruel dos naufrágios,
Ano cruel das bexigas,
Lá no inferno em que te abrigas
O mundo te amaldiçoa!

Vão lá de um ano tão fúnebre,
De males enciclopédia,
Extrair uma comédia
Que possa fazer-vos rir!
Que peseis tais circunstâncias
E sempre as tenhais em vista
Os autores da revista
Por mim vos mandam pedir.

Buscaram eles o título

Desta peça num romance:
Haverá quem se abalance
Ao levar-lhes isso mal?
Pois teve o livro tal êxito,
Que aproveitar-lhe passagens
E dois ou três personagens
Foi coisa bem natural.
Mas que não veja o Alúcio
Nesta paródia vazia
Menos que uma cortesia
Que ao seu talento se faz.

(Cumprimentando)

Sou de Vossas Excelências
Um servo dos mais submissos,
Precisam dos meus serviços?
Procurem pelo Colás.

(Retira-se; sobe o pano)

ATO PRIMEIRO

QUADRO I

Sala em casa do Conselheiro Pinto Marques. Sobre uma mesa, entre outras coisas, um grupo de biscuit, representando o Amor e Psiché.

CENA I

O CONSELHEIRO, depois o DOUTOR.

(Ao erguer o pano, ouvem-se os gritos da Magdá, que tem um ataque. A pouco e pouco os gritos vão diminuindo até cessarem de todo. Ouve-se tocar uma campainha. O Conselheiro sai da direita, em robe de chambre e boné, atravessa a cena e vai abrir a porta da esquerda. Entra o Doutor, que conserva o chapéu na cabeça e tem modos brutais.)

CONSELHEIRO - Ah! venha, venha, Doutor. Estou numa ansiedade!

O DOUTOR - Viva, Para que me mandou incomodar? Pra ver a *Barata Velha*? Dê-lhe uma pitada de estircnina, e mande atirá-la ao mar!

CONSELHEIRO - Não, Doutor, não se trata de minha irmã, mas de minha filha, de minha querida Magdá.

O DOUTOR - Que tem ela? Hão de ver que são luxos! E para isto incomoda-se um homem que tem tanto que fazer!

CONSELHEIRO - Peço-lhe que me ouça com toda a paciência.

O DOUTOR - Vá lá.

CONSELHEIRO - Lembra-se do Fernandinho?

O DOUTOR - Que Fernandinho?

CONSELHEIRO - Ora! aquele rapaz que eu eduquei e que morava conosco... Aquele que se formou há um mês, e partiu logo para a Europa.

O DOUTOR - Já sei... a pequena gostava dele... está com saudades, e tem faniquitos. Para isto incomoda-se um grande médico? Ora viva! (*Vai a sair.*)

CONSELHEIRO (*Retendo-o.*) - Venha cá, pelo amor de Deus! Que homem! A coisa é mais séria do que se pode supor. A pequena gostava dele... mas imagine que são irmãos.

O DOUTOR - Irmãos?

CONSELHEIRO - O Fernandinho é meu filho.

O DOUTOR - Seu filho? Natural?

CONSELHEIRO - Naturalmente.

O DOUTOR - Rapaziadas... Eu também no meu tempo...

CONSELHEIRO - Hein?

O DOUTOR - Nada; não nos lembremos de coisas tristes E sua filha sabe que ele é seu irmão?

CONSELHEIRO - Fui obrigado a dizer-lhe) mesmo porque o caso complicava-se. Magdá a princípio pareceu resignar-se... mas desde que o rapaz se foi embora, adeus minhas encomendas! são ataques, espasmos nervosos, alucinações maluquices, verdadeiras maluquices. O outro dia deu-lhe para subir ali à pedreira... Subi com ela... Ficamos a botar os bofes pela boca. Ela teve um delírio e desceu nos braços de um covoqueiro... Por sinal que fiquei de dar-lhe uma gorjeta e ele ainda não veio buscá-la.

O DOUTOR - Você fez muito mal em deixar estes dois irmãos crescerem ao lado um do outro, expostos a todos os perigos da convivência e do Amor. Você é um idiota!

CONSELHEIRO - Escolha os termos, Doutor!

O DOUTOR - Um idiota, um pedaço d'asno, Ouviu? Isto não se faz! Agora queixe-se de si!

CONSELHEIRO - Olhe, ela aí vem. Ainda agora acabou de ter um ataque.

CENA II

OS MESMOS, MAGDA.

(Magdá, de penteador e cabelos soltos, entra triste e abatida, e canta.)

Coplas

I
Dês que perdi meu Fernandinho,
Sinto estalar-me o coração...
Ele fugiu de nosso ninho...
Vivo a chamar por ele em vão.
Ó Fernandinho!
Meu doce irmão!
Vem cá!
Vem já!
Não tardes não!
Ah! ah! ah! ah!

II
Hoje, meu Deus, de amor definho...
Sinto fugir-se-me a razão...
E não há luz no meu caminho:
As cegas vou na escuridão.
Ó Fernandinho! etc.

(Pegando na estatueta e examinando-a.) - Amor e Psiché! Abraçados! Como são felizes! Irrita-me tanta felicidade! (Atira a estatueta pela janela.)

CONSELHEIRO - Ó minha filha! Um objeto de arte!... E me custou tanto dinheiro!... *(Magdá não responde e afasta-se.)*

O DOUTOR - Aquilo cura-se. Xarope de Easton com ela.

CONSELHEIRO - Já ontem quebrou um quadro que representava Romeu e Julieta... Tive que esconder o *pendant*, que era Fausto e Margarida.

MAGDÁ - Recebeu cartas de Fernandinho, papai?

CONSELHEIRO - Não, minha filha... Pois se não há ainda vinte dias que teu irmão partiu!

MAGDÁ (*Consigo dolorosamente.*) - Meu irmão...

CONSELHEIRO (*Ao Doutor.*) - Faz a mesma pergunta de duas em duas horas.

O DOUTOR (*Ao Conselheiro.*) - Você tem sido um idiota. (*Aproximando-se de Magdá.*) Venha cá, menina, venha cá... deixe ver a língua... (*Magdá obedece.*) Está saturada de embaraço gástrico... Agora os olhos... (*Examina-os.*) Falta de sangue... olheiras profundas... noites mal dormidas... sonhos... pesadelos... (*Auscultando-a.*) Palpitações irregulares... Tussa. (*Magdá tosse.*) Os pulmões estão perfeitos, mas há contração tônica dos músculos...

CONSELHEIRO (*À parte.*) - Que diabo será contração tônica dos músculos?

O DOUTOR - E como vamos de apetite?

CONSELHEIRO - Come muito pouco... é um passarinho...

O DOUTOR - Pois é preciso alimentar-se bem... Carne sangrenta, mariscos, bom vinho do Porto... Diga-me cá: tem tido muito namorados? (*Magdá tem gesto de ofendida.*) Pergunto-lhe se tem tido muitos namorados!

MAGDÁ - (*Com o primeiro grito de um ataque.*) - Ah!

CONSELHEIRO - Ai, mau! ai, mau! aí volta o ataque!

MAGDÁ - Ah! ah! ah! (*Tem um ligeiro ataque; o Conselheiro e o Doutor seguram-na.*)

O DOUTOR - Vai passando...

CONSELHEIRO - Vou levá-la para o quarto. (*Leva Magdá carregada.*)

O DOUTOR - Você é um idiota.

CENA III

O DOUTOR, só, abanando a cabeça.

O DOUTOR - Hum... hum... hum... É preciso um tratamento enérgico!

Coplas

I

Estes dados sintomáticos
Causam graves apreensões;
Há fenômenos dispépticos,
Sobressalto dos tendões.
Pode a excitação do encéfalo
Consequências ter fatais;
Alguma coisa há no cérebro
Ou de menos ou de mais.

II

Bom regime higiênico
Sem tardar se faz mister;
Não dispensam certos tônicos
Macacoas de mulher...
Não convém que o estado anêmico
Continue a progredir.
Hei de ver a terapêutica
Que tal possa conseguir.

CENA IV

O DOUTOR, o CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO (*Entrando a limpar o suor.*) - Lá ficou mais sossegada.

O DOUTOR - Meu amigo, sua filha precisa entrar em obras.

CONSELHEIRO - Em obras!

O DOUTOR - Noto na rapariga uma perigosa exaltação nervosa que, uma vez agravada, pode interessar os órgãos encefálicos e degenerar em histeria... É o diabo! sua filha já se devia ter casado!

CONSELHEIRO - Isso sei eu... e, se ainda não tem marido, não é por falta de esforços de minha parte, creia.

O DOUTOR - Se não se casar quanto antes, hum! não respondo pelo resultado.

CONSELHEIRO - Então o Doutor acha que...

O DOUTOR - Você, se não fosse um idiota, bem podia compreender o que são esses temperamentozinhos impressionáveis. São terríveis, violentos, sobretudo quando os contrariam. Não pedem: exigem, reclamam!

CONSELHEIRO - Oh! meu amigo!... assusta-me!...

O DOUTOR - Se não alcançam o que reclamam, aniquilam-se, estrangulam-se, como leões atacados de cólera. É perigoso brincar com a fera que principia a despertar!... O monstro já deu sinal de si... e, pelo primeiro berro, você bem pode calcular o que será quando estiver deveras assanhado!

CONSELHEIRO - Valha-me Deus! Que hei de fazer, não me dirá?

O DOUTOR - Já lhe disse... procure um marido, seja como for, custe o que custar... Se for preciso, necessário, compre-o.

CONSELHEIRO - Mas isso não é coisa fácil... minha filha tem recusado uma dúzia de noivos...

O DOUTOR - Pois case à força... O que é preciso é um homem, ora aí tem você! Se ela não se casar quanto antes, irá padecer muito, irá viver em luta aberta consigo mesma!

CONSELHEIRO - Em luta?... que luta, Doutor?

O DOUTOR - Ora é boa! A luta da matéria, que impõe, e da vontade, que resiste. Imagine você que tem uma fome de três dias, e que, para comer, só dispõe de um meio. Que faria neste caso?

CONSELHEIRO - Não sei, mas com certeza não roubava.

O DOUTOR - Então morria de fome. Todavia, um homem de moral mais fácil que a sua não morreria, porque roubava. Compreende? Pois aí tem!

CONSELHEIRO - Mas, meu Deus! que hei de fazer? Não posso ir para rua com minha filha à procura de um marido.

O DOUTOR - E por que não? É justamente o que deve fazer. Vá até o inferno, se for preciso, mas descubra um homem! Meta a rapariga à cara de quantos vistam calças! Vamos ao gabinete; quero receitar. Você é um idiota!

CONSELHEIRO - Seja tudo pelo amor de Deus! Vamos. (*Saem.*)

CENA V

LUÍS, depois MAGDA.

LUÍS - *Bossoria* dá licença? Nan está cá ninguém!

MAGDÁ (*Aparecendo.*) - Quem é?... quem está aí?

LUÍS - Sou eu, menina... *Binha* pelo patrão!... Sou o moço dali da pedreira, que carregou a menina...

MAGDÁ (*Enlevada.*) - Ah! reconheço-te!... És o meu príncipe...

LUÍS (*Espantado.*) - O quê?

MAGDÁ - Como rescendes a murta, meu amor!...

LUÍS - *Bossoria* está muito mal enganada. Olhe que eu sou o moço dali da pedreira, que...

MAGDÁ - Sim... bem sei que te aprouve tomar este disfarce, meu formoso cavalheiro...

LUÍS - *Aproube*, nan senhora... a mim *nan* me *aproubo* nada... e eu *nan* sou *cabaleiro*, *proque* eu *nan* monto a *cabalo*... (*À parte.*) A moça *nan* me parece *voa*... (*Alto, querendo sair.*) Eu *bolto* noutra ocasião...

MAGDÁ - Oh! não! não vás!... não fujas!... Aqui me tens!... sou tua!...

LUÍS (*Conseguindo fugir-lhe.*) - Quando *Bossoria* quiser dar a *gorjeta*, pode mandá-la à pedreira...

MAGDÁ - Oh! não! Vamos antes para a gruta!...

LUÍS - Com sua licença. *Bou* deitar fogo a uma *minota*... (*Saindo, á parte.*) Coitadinha! é doida!

MAGDÁ - Foi-se!... Ingrato!...

A voz DO CONSELHEIRO - Magdá! Magdá! Minha filha!

MAGDÁ - Aí vou, papai. (*Sai. Mutação!.*)

QUADRO II

A Praça Dom Pedro II. À direita a Estação das Barcas Ferry. A cena está cheia de transeuntes, pessoas que vão tomar a barca, catraieiros, vendedores, etc.

CENA I

Figurantes, PRIMEIRO SUICIDA, depois SEGUNDO, ERCEIRO e QUARTO SUICIDAS.

Coro

Um dos maiores prazeres
É decerto passear;
Em vez de fazer colheres,
Passeemos à beira-mar.

(Primeiro Suicida entrando muito triste e vindo ao proscênio.)

PRIMEIRO SUICIDA

Não resisto... Não posso resistir...
Retroceder não posso...
Começava a sorrir

O mundo agora ao coração de moço
Que aqui palpita, e não palpitará
Dentro de meia hora...
Ingrata, fica em Jacarepaguá,
Enquanto expira o tolo que te adora!
Para eu matar-me, bastam, meu amor,
Dois tostões... e coragem...
Coragem tenho, sobra-me o valor,
E o níquel aqui está para a passagem,
Vou a barca tomar, de Niterói,
E atirar-me do pélogo no fundo,
Ria-se embora o mundo
E diga o que disser Elói, o Herói! *(Entra na Estação.)*

SEGUNDO SUICIDA *(Entrando.)*

- Estou de falência aberta,
E é mentiroso infeliz,
Mente o povo quando diz:
Quem quebra vai pela certa.
Os meus credores - uns ursos! -
Desejam todos que eu morra,
E que ao recurso recorra

Dos que já não têm recursos. (*Ouve-se apitar a barca.*)

A barca da Praia Grande
Está chamando por mim!

(*Vai a entrar na Estação, dá um encontrão no Terceiro Suicida, que entra da esquerda, e toma a mesma direção.*)

- Desculpe.

TERCEIRO SUICIDA

- Senhor! Assim
Pisando os outros não ande!
Mas não me engano; é o Macedo!

SEGUNDO SUICIDA - O Juca Santos! Homessa!...

TERCEIRO SUICIDA - Onde ias com tanta pressa?

SEGUNDO SUICIDA

- Direi, se guardas segredo. (*Depois de ver que o não o ouvem.*)
Eu ia atirar-me ao mar!

TERCEIRO SUICIDA (*Com o mesmo jogo de cena.*) - E dois!

SEGUNDO SUICIDA - Também?

TERCEIRO SUICIDA - Também.

Outro recurso não tem
Ao que cheguei quem chegar
- Estou de todo perdido:
Querem abrir-me a falência...

SEGUNDO SUICIDA

- Na mesmíssima emergência
Estou.

TERCEIRO SUICIDA - Falido?

SEGUNDO SUICIDA - Falido.

TERCEIRO SUICIDA - Estimo.

SEGUNDO SUICIDA - Estimas, ó Santos!

TERCEIRO SUICIDA

- Um mergulho na baia,
De um amigo em companhia
Talvez tenha os seus encantos.

SEGUNDO SUICIDA

- Exp'rimetemos... Morramos!... (*Ouve-se novo apito.*)
Segundo apito da barca!

TERCEIRO SUICIDA

- Não é barca, não: é Parca!
- Vamos meu amigo!

SEGUNDO SUICIDA - Vamos!

(Dirigem-se para a Estação, um deles pisa no pé ao Quarto Suicida, que entra da esquerda com o mesmo destino.)

QUARTO SUICIDA

- Safe! estão cegos, senhores?
Esborracharam-me um dedo!...
Mas... o Santos e o Macedo!
São ambos meus devedores!

SEGUNDO e TERCEIRO SUICIDAS - O Soares!...

QUARTO SUICIDA

- Ah! tratantes!
Deus vos conduziu aqui
Para que vejais suicidar-se
a flor dos negociantes!
Vós e outros tais como vós,
Causastes as minhas mágoas!
Eu vou atirar-me às águas!
Eu vou morrer!

SEGUNDO e TERCEIRO SUICIDAS - Também nós.

QUARTO SUICIDA - Vão suicidar-se?

SEGUNDO SUICIDA - Bem vês.

QUARTO SUICIDA

Rapazes, têm companheiro:

Onde morre um brasileiro
Podem morrer dois e três.

SEGUNDO SUICIDA - Cara alegre! Bizarria!

TERCEIRO SUICIDA - Não tarda a barca a largar!

QUARTO SUICIDA
- Eu acabei de almoçar:
Receio uma apoplexia...

SEGUNDO SUICIDA - Eia! a morte satisfaz-nos!

TERCEIRO SUICIDA - Não nos falte a intrepidez!

(Vai saindo, o Quarto suicida retém-nos.)

QUARTO SUICIDA - Um instante... nós somos três...

SEGUNDO e TERCEIRO SUICIDAS - Somos.

QUARTO SUICIDA - Três pedaços d'asnos.

SEGUNDO SUICIDA - Eu só vejo dois...

TERCEIRO SUICIDA - E eu...

QUARTO SUICIDA
- Tem razão: só vejo dois...
Mas deixemos pra depois
A modéstia.

SEGUNDO SUICIDA - Sim.

TERCEIRO SUICIDA - Valeu!

QUARTO SUICIDA
A morte é uma covardia.
Diz a conhecida chapa:
Se a gente da morte escapa
E funda uma companhia?

SEGUNDO SUICIDA - Mas não temos um ceitil!...

QUARTO SUICIDA - Razão demais.

TERCEIRO SUICIDA - Sim... que em suma...

QUARTO SUICIDA

- Eu tenho o projeto de uma
Associação dos Cem Mil

SEGUNDO SUICIDA - Vamos estudá-lo?

TERCEIRO SUICIDA - E já!

QUARTO SUICIDA

- Verão... é o rei dos projetos!
Publicados os prospectos,
Dinheiro não faltará!...
Dos tolos a espécie abunda
(Não é tolice supô-lo.)
Mas dos tolos o mais tolo
É o que nas águas se afunda,
Pois se podemos achar
Em terra firme a ventura,
Por que buscar sepultura
Ali no fundo do mar?
Embarquemos, não na barca,
Mas numa especulação,
E os outros, de nós dirão:
Oh! que espertalhões de marca!
Eia! tempo não percamos!
Time is money, diz o inglês.
Muito breve todos três
Enriqueceremos.

OS TRÊS - Vamos!

(Saem abraçados. Logo que desaparecem, ha' muito movimento em cena; ouvem-se vivas, aclamações. Entram o Conselheiro e Magdá, que vêm da Estação com outros passageiros, que desaparecem.)

CENA II

O CONSELHEIRO, MAGDA.

CONSELHEIRO - Bem, está feita a tua vontade: fomos á Praia Grande. Agora esperemos aqui um bondinho do Rossio Pequeno.

MAGDÁ (*Que olha para o bastidor.*) - Que é aquilo, papai?

CONSELHEIRO - São os acadêmicos, que foram buscar a bordo o Doutor Domingos Freire.

MAGDÁ - Ah! sim! o tal que descobriu o micróbio da febre amarela. Dizem que fez um figurão na Europa!

CONSELHEIRO - E há de fazer outro figurão nos Estados Unidos, para onde vai brevemente partir. É pena que não seja solteiro... Aí estava um ótimo partido para a pequena! (*Tem se restabelecido o silêncio sai da Estação um indivíduo acompanhado por um agente.*)

CENA III

OS MESMOS, um AGENTE DE POLÍCIA, acompanhado por um MANÍACO, depois o GENERAL e sua comitiva, PRIMEIRO, SEGUNDO e TERCEIRO SECRETÁRIOS.

O AGENTE - Ora a minha vida! ora a minha vida! (*O Maníaco pára a acender um charuto e o Agente pára também.*)

CONSELHEIRO - Por que tanto se lastima, meu amigo? (*A Magdá*). É um rapaz bem apessoado; não te parece?

MAGDÁ - Ora, papai!

O AGENTE - E obriga-se a isto um homem casado e pai de filhos!

CONSELHEIRO (*À parte.*) - Casado... (*Alto.*) Mas a que o obrigam, afinal?

O AGENTE - A acompanhar aquele senhor, que tem a mania das perseguições. Fui dar hoje com os ossos em Icaraí.

CONSELHEIRO (*Examinando o Maníaco com interesse.*) - Ora ali está um moço que...

MAGDÁ - E de quem se queixa ele?

O AGENTE - Queixa-se principalmente da esposa, que é, aliás, uma excelente senhora.

CONSELHEIRO (*À parte.*) - Também casado! Que sina!

O AGENTE - Quando eu menos esperar, este sujeito será capaz de me fazer alguma. Veja como ele me olha! Agora quer ir por força ao Café de Java... e não

há remédio senão acompanhá-lo. (*O Maníaco tem acendido o charuto e sai.*) Lá vai ele! (*Sai.*)

CONSELHEIRO - Acho que o mais prudente seria trancafiá-lo. E este bondinho, que não chega!

MAGDÁ - Naturalmente houve transtorno na linha.

(*Entra o General acompanhado por sua comitiva e por pessoas do povo. Todos o examinam com admiração. O General traz brilhantes por toda parte: no peito da camisa, no cabo do guarda-sol, nos dedos e até nos botões da sobrecasaca.*)

Canto

O GENERAL - Eis aqui o ex-presidente!

OS SECRETÁRIOS - *És muito valiente!*

O GENERAL

- Eu venho fazer figura,
E talvez fique por cá;
Aqui qualquer caradura
Perfeitamente se dá.

No Rio de Janeiro
Faz o que bem quer,
Tipo de dinheiro,
Venha de onde vier.
Nos bolsos não trago
Menos de um milhão!
Tenho muito bago,
Muito patacão.

CORO

Que grande charlata!
Vale um Potosi!
Maior patarata
Não vimos aqui!

MAGDÁ - Papai, veja como este homem tem brilhantes por toda parte!

CONSELHEIRO - É verdade! Até nos botões da sobrecasaca!

O GENERAL - Ainda não viram nada. No meu palácio não há porta sem brilhantes, nas maçanetas dos trincos.

CONSELHEIRO (À parte.) - Oh! que partido! (*Cumprimentando-o com muita amabilidade.*) Eu sou o Conselheiro Pinto Marques, e tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência minha filha.

O GENERAL - É guapa... Minha mulher estimará muito conhecê-la.

CONSELHEIRO (À parte.) - Ora bolas! É também casado!

O GENERAL - *Senor secretario...*

PRIMEIRO SECRETÁRIO - General!

O GENERAL - *Tenciono partir hoy mismo para Petrópolis. Infórmese usted a que horas tendremos conducción.*

PRIMEIRO SECRETÁRIO - *Señor secretario.*

SEGUNDO SECRETÁRIO - Presente!

PRIMEIRO SECRETÁRIO - *Infórmese usted a que horas tendremos conducción para Petrópolis.*

SEGUNDO SECRETÁRIO - *Senor secretario!*

TERCEIRO SECRETÁRIO - Presente.

SEGUNDO SECRETÁRIO - *Infórmese usted a que horas tendremos conducción para Petrópolis.*

TERCEIRO SECRETÁRIO - *Voy a mandar mi secretario (Sai.)*

CONSELHEIRO - Safa! é uma secretaria ambulante! (*A Magdá.*) E vão ver que nenhum destes secretários é solteiro.

O GENERAL - Estão todos admirados e de boca aberta, a olhar para mim, como se fosse alguma raridade!

MAGDÁ - Têm-no pintado como um herói.

O GENERAL - E o sou, caramba! É justamente por isso que me expatriaram, depois de me terem quase dado cabo do canastro!... Olhe... Vê? (*Mostra a boca.*) Faltam-me aqui dois dentes: foi uma bala!

CONSELHEIRO - Olhem que brincadeira!

O GENERAL - Agora vou, mas é tratar de tornar a minha vida aqui o mais agradável possível. Vou comprar uma casa... vou mandar vir os meus animais de corridas...

MAGDÁ - Ah! Vossa Excelência também é amador de esporte?

O GENERAL - Tenho uns cavalos que não correm...

CONSELHEIRO - Então não servem?

O GENERAL - Não correm: voam, caramba! são tão velozes, que, ainda bem não se deu o sinal de partida, e já eles estão no poste do vencedor.

TERCEIRO SECRETÁRIO (*Voltando ao Segundo Secretário.*) - *Mi secretario informa que la barca de Petrópolis parte a las cuatro.*

PRIMEIRO SECRETARIO (*Ao General.*) - *El secretario del secretario del secretario de mi secretario informa que la barca de Petrópolis parte a las cuatro.*

O GENERAL - Não temos muito tempo. Vamos. (*Ao Conselheiro.*) *Caballero... señorita... (Saem repetindo o coro. O Conselheiro e Magdá acompanham-no até o bastidor.)*

CENA IV

CONSELHEIRO, MAGDÁ, afastada, o PRIMEIRO SUICIDA, depois o DOUTOR MODESTO, e mais tarde um ALFAIATE.

PRIMEIRO SUICIDA (*Muito alegre, sem chapéu, vindo ao proscênio.*)

- Eu não tive coragem...

Quando cheguei ao meio da viagem,

Olhei para esta bela natureza,

Contemplei esta esplêndida riqueza,

E resolvi da vida não dar cabo...

A água deve estar fria como o diabo!

Mas fiz uma pilhéria

Que vai dar que falar à imprensa séria;

Deixei na barca o meu chapéu e a carta

Que do mundo me aparta...

Quando ela ler aquela despedida,

Há de chorar o mísero suicida!

Ó tu, que amor esbanjas

Sem que me dês uma migalha ao menos,

Chora por mim, que eu vou formosa Vênus,
Pra Jacarepaguá comer laranjas. (*Sai.*)

CONSELHEIRO (*Descendo com Magdá.*) - E nada do bondinho!

MAGDÁ - Alguma coisa que atravancou a linha.

CONSELHEIRO (*Ao Doutor Modesto, que sai da Estação.*) - Oh, meu caro Doutor!
que feliz encontro!

MAGDÁ (*À parte.*) - Deus queira que seja casado.

CONSELHEIRO - Desejava imensamente falar com Vossa Senhoria.

O DOUTOR - Estou sempre às suas ordens.

CONSELHEIRO - Ainda hoje li um anúncio seu: é certo que pretende introduzir
efetivamente entre nós o hipnotismo?

O DOUTOR - Assim é; hoje só curo por sugestão hipnótica, sem ser preciso
adormecer o doente. Tem que me fazer alguma consulta?

CONSELHEIRO - Mais tarde trataremos desse ponto...

MAGDÁ (*Baixo ao pai.*) - Eu comigo não quero sugestões... fique papai sabendo
desde já.

CONSELHEIRO (*À filha.*) - Espera. (*Ao Doutor.*) O que antes de mais nada eu
desejo saber é se a sugestão se aplica a todos os entes humanos
independentemente de qualquer ação patológica.

O DOUTOR (*Sem entender.*) - Como?

CONSELHEIRO (*À parte.*) - Mau! parece que disse asneira... (*Alto.*) Por exemplo:
um indivíduo pode tocar piano, fazer uma fritada, pôr fundilhos numas calças
por sugestão hipnótica, ou para isso é necessário que ele seja pianista,
cozinheiro ou remendão?

O DOUTOR - Conforme: depende do indivíduo, cuja natureza pode prestar-se
ou não à influência hipnótica.

ALFAIATE (*Entrando arrebatadamente, ao Doutor.*) - Apanhei-te, cavaquinho!
Se é capaz, negue-se agora! Diga que não está em casa!

O DOUTOR (*À parte.*) - Oh, diabo! o alfaiate!... (*Alto.*) Que quer o senhor, não
me dirá? Que modos são estes?

ALFAIATE - Ainda mo pergunta? Quero dinheiro! Há mais de um ano que o senhor anda a zombar de mim... a esconder-se... A fazenda custou dinheiro e o feitio também... Quero para aqui os meus trezentos e vinte e sete mil e quinhentos!...

O DOUTOR (*Ao Conselheiro.*) - Ora vamos ver se este sujeito tem uma natureza flexível. (*Aproxima-se do criado e começa a fazer-lhe passes magnéticos.*) Com que então o meu amigo diz que...

ALFAIATE (*Abrandando-se a pouco e pouco.*) - Sim, os meus trezentos... e vinte e sete mil e quinhentos...

O DOUTOR (*Continuando com os passes.*) - Pois já se não lembra que eu?...

ALFAIATE - Sim... que Vossa Senhoria... me pagou... Pois não... Não havia tanta pressa... Quer que lhe passe o recibo? Onde há de ser? Ah! ali! Já lho trago! já lho trago!(*Sai.*)

CONSELHEIRO - É espantoso!

MAGDÁ - Assombroso!

O DOUTOR - Não acham?

CONSELHEIRO - Pouco liso... mas espantoso...

O DOUTOR - Ah! foi apenas uma experiência. Não vá agora pensar que eu me valho do hipnotismo para pagar as minhas dívidas.

CONSELHEIRO - Se o Doutor pudesse fazer com que chegasse por sugestão hipnótica o bondinho do Rossio Pequeno...

ALFAIATE (*Voltando.*) - Cá está o recibo... e sempre às suas ordens. (*Dá a mão a apertar ao Doutor, que lhe faz novos passes magnéticos.*) Ah! sim... queira desculpar-me... ia-me esquecendo do troco... Vossa Senhoria deu-me duzentos e cinquenta mil réis; aqui estão vinte e dois mil e quinhentos... (*Cumprimentando.*) Quando precisar de alguma coisa, lembre-se de nossa casa, tenho agora umas casimiras... (*Sai.*)

O DOUTOR - Conselheiro, apareça... Minha senhora... (*À parte, saindo.*) Já não perdi o meu dia...

CONSELHEIRO - Que grande gatuno...

MAGDÁ - Hipnótico!...

CENA V

O CONSELHEIRO, MAGDÁ, marinheiros franceses, CAVAIGNAC, duas meninas cearenses.

CONSELHEIRO - Xi! que porção de marinheiros! Ah! vejo que pertencem à guarnição da fragata francesa que ali está no porto.

MAGDÁ - Parecem contentes. *(Entram os marinheiros franceses e saem depois de cantar um longo coro, cuja letra se suprime, porque tomaria muito espaço e não interessa á leitura da revista.)*

CAVAIGNAC *(Entrando com as duas meninas.)* - Senhor Conselheiro, minha senhora, compadeçam-se destas pobres meninas.

CONSELHEIRO - Quem são estas crianças?

CAVAIGNAC - As heroínas do naufrágio do Bahia... Ando a esmolar em favor delas... Fui levá-las à Praia Grande, onde tenho muitas relações.

CONSELHEIRO *(Dando-lhe dinheiro.)* - Pela minha parte não duvido concorrer...

CAVAIGNAC - Vão Vossas Excelências amanhã, no Teatro Lucinda, assistir à conferência que o Paula Ney realiza em benefício destas infelizes... a tese é *O Ceará e suas Grandezas...* As ordens de Vossas Excelências. *(Sai com as meninas.)*

CONSELHEIRO - Passar bem, Senhor Cavaignac. *(À Magdá.)* Também é casado... Uma conferência de Paula Ney! Deve ser enorme!

MAGDÁ - Enorme é aquela mulher que ali vem. Quem será? *(Entra a Dívida Lamberti, representada por uma mulher extremamente alta.)*

CENA VI

O CONSELHEIRO, MAGDÁ, a DÍVIDA LAMBERTI.

A DÍVIDA LAMBERTI *(zangada.)* - Súcia de galfarros! Cheirou-lhes bem a coisa! *(Ao Conselheiro, apontando para o bastidor.)* Não vê, meu senhor? A Praça do Mercado está sitiada... São trinta cães a um osso... Querem todos arrendá-la... Mas a minha proposta é a melhor, e a que mais vantagens oferece. Só assim poderei diminuir, porque, crescendo desta maneira, não sei onde vá parar!

CONSELHEIRO (A *Magdá.*) - Tu percebeste?

MAGDÁ - Nada!

CONSELHEIRO - Quem é a senhora?

A DÍVIDA LAMBERTI - Pois não me conhece? Sou a Dívida Lamberti!

Tercetino

A DÍVIDA LAMBERTI

- Há poucos anos passados,
Eu era assim pequerrucha...

CONSELHEIRO e MAGDÁ - Pequerrucha...

A DÍVIDA LAMBERTI - E não tinha estes ares de bruxa...

CONSELHEIRO e MAGDÁ - E não tinha estes ares de bruxa!

A DÍVIDA LAMBERTI

- Com juros acumulados,
Eu fui crescendo... crescendo...

CONSELHEIRO e MAGDÁ - Foi crescendo...

A DÍVIDA LAMBERTI

- Do tamanho fiquei que estão vendo!
Por sentença do juiz do Comércio,
Há de a tal Municipalidade,
Muito embora não tenha vontade,
Escarrar o meu justo valor;
Porém ela não sei com que conta:
Cada vez que lhe falo, respinga,
E vai sempre fugindo à seringa
Com desculpas de mau pagador.
Há poucos anos passados, etc.

CONSELHEIRO - Ela até já parece maior do que quando chegou! (*A Dívida Lamberti tem saído depois do canto.*)

MAGDÁ - Papai, vamos a pé... Decididamente não chega o tal bondinho!

CONSELHEIRO - Pois vamos, filha! (*Vozeria; a cena enche. se de gente, que foge toda para direita, como atraída por alguma coisa.*) Que é isto? Vamos ver

também! (*Sai com Magdá. A cena fica vazia. A orquestra executa o Hino Nacional em surdina, enquanto lá fora continua uma vozeria confusa.*)

CENA VII

A POPULAÇÃO FLUMINENSE

- Sou a População chorosa, amargurada,
Que vê partir pra longe a pérola dos pais...
Forte, robusto e são, de novo à Pátria amada,
Trazei-o meigamente, ondas que mo levais!
e este dia de luto ateste o mundo inteiro
O seu merecimento e o meu profundo amor,
Transunto fiel de todo o povo brasileiro,
O povo fluminense adora o Imperador.

(*Sai. A cena transforma-se.*)

QUADRO III

A baía do Rio de Janeiro no dia da partida do Imperador para a Europa, em 1887. A orquestra executa a toda força o Hino Nacional.

ATO SEGUNDO

QUADRO IV

A Praça da Aclamação na parte não ajardinada. A cena está cheia de curiosos, que esperam por um meeting abolicionista. Formam-se e dissolvem-se grupos. Um movimento extraordinário.

CENA I

PRUD'HOMEM, PRIMEIRO ABOLICIONISTA, SEGUNDO ABOLICIONISTA, curiosos, depois o CONSELHEIRO e MAGDA.

Coro

Só curiosidade

Traz os que aqui 'stão:

Querem ver se o *meeting*

Se fará ou não...

Vão ferver, decerto,
Murro e cachação!

PRUD'HOMEM - Sempre quero ver se havemos ou não de fazer o *meeting!*

PRIMEIRO ABOLICIONISTA - Decerto que faremos! Tinha graça que nos sujeitássemos a semelhante imposição!

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Homem, não seja tão exaltado... não sejamos abolicionistas a ponto de querermos abolir a força da policia.

PRUD'HOMEM - Fizeram-nos sair do Politeama, mas não nos arrancarão da praça pública.

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Conforme... conforme...

PRUD'HOMEM - Podem assestar contra mim uma peça de artilharia.

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Não diga isso!

PRUD'HOMEM - Daqui não arredo pé!

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Arredo eu.

PRIMEIRO ABOLICIONISTA - Pois deixa-nos?

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Tenho que escrever o meu terceiro artigo contra o vizinho...

PRUD'HOMEM - O senhor tem estado de uma violência...

SEGUNDO ABOLICIONISTA - Sou delicado... sou brando... calço luva de pelica... Mas quando me fazem sair fora do sério, não respondo por mim! Estão vendo esta gravidade? Pois tudo isto desaparece desde o momento em que a mostarda me suba ao nariz. (*Cumprimenta com muita gravidade. Entram o Conselheiro e Magdá.*)

PRUD'HOMEM - Aí vem o Conselheiro Pinto Marques... (*Ao Primeiro Abolicionista.*) Tu, que tens com ele mais intimidade, vê se o resolves a tomar logo a palavra. (*Dirigindo-se ao Conselheiro.*) Ó, Excelentíssimo, como tem passado? Minha senhora!

CONSELHEIRO - Logo vi que o havia de encontrar, Senhor Prud'homem. Um exaltado de sua força! (*Prud'homem cumprimenta e afasta-se. O Conselheiro,*

ao Primeiro Abolicionista.) Ó Senhor Barroso! (*Baixo á Magdá.*) Que tal o achas? Tem alguma coisa de seu...

PRIMEIRO ABOLICIONISTA - Aproveito o feliz encontro para participar a Vossa Excelência que me caso sábado. Se quiser dar-me a honra...

CONSELHEIRO - Felicito-o. (*À parte, despeitado.*) Mais um!

MAGDÁ (*À parte, com alegria.*) - Menos um!

CONSELHEIRO - Então? temos ou não temos *meeting*?

O ABOLICIONISTA - Se temos! É possível até que haja sangue, muito sangue mesmo!

CONSELHEIRO (*Assustado.*) - Acha?

O ABOLICIONISTA - Sangue? Que digo? Mortes!... Mas há de fazer-se o *meeting*!

CONSELHEIRO (*Querendo sair.*) - Com sua licença: tenho que tratar num negócio importante...

O ABOLICIONISTA - Nada! Já o não largo! Um homem como Vossa Excelência é que nós procuramos!

CONSELHEIRO - Ah! andam também à procura de um homem? Pois consolem-se comigo, que sou uma espécie de Diógenes.

CENA II

OS MESMOS, a JUSTIÇA, depois DOZE INIMIGOS DA JUSTIÇA.

JUSTIÇA (*Entrando com as vestes rotas, a balança quebrada e os olhos vendados.*) - Socorro! Acudam-me! Socorro!

TODOS - Que é isto? que foi? quem é a senhora?

JUSTIÇA - Eu sou a Justiça... e tão esfarrapada que, confesso, estou vendida no meio de tanta gente... Doze cidadãos, que deviam defender-me, juraram dar cabo de mim... Já me deixaram neste estado, e, não satisfeitos ainda de me haverem posto fora de casa a pontapés, perseguem-me até a rua!

MAGDÁ - Coitadinha! Ah! se eu fosse homem! (*Entram os Doze Inimigos da Justiça armados de cacete e ameaçadores.*)

UM INIMIGO - Havemos de levá-la a toque de caixa até o Asilo de Mendigos!

OS OUTROS - Isso! isso! Asilo com ela!

CONSELHEIRO - Pois, senhores, não se envergonham de tratar desta maneira uma pobre mulher vendida... quero dizer vendada?

O INIMIGO - Não atendemos a razões! Siga!

TODOS - Siga!

Coro

Vá lá! Vá lá!

Sem respingar, siga adiante!

Vá já! Vá já!

Saia daqui no mesmo instante!

Inda o asilo está distante,

Mas depressa chegará.

Vá lá! Vá lá!

(Saem esbordoando e perseguindo a Justiça.)

CONSELHEIRO - Mas com que ardor eles lhe atiçam!

MAGDÁ - Dir-se-ia que estão pagos para isso!

CENA III

OS MESMOS, um EMPREGADO DO TESOURO, depois o DOUTOR COW-POX.

O EMPREGADO - Ó Senhor Conselheiro! Venho agora mesmo de sua casa! tinha que falar-lhe sobre um negócio...

CONSELHEIRO - Ah! Sim? *(À parte.)* Vai pedir-me a pequena! *(Alto, á filha.)* Magdá, minha filha, cumprimente aqui o senhor: é um moço distinto.

MAGDÁ - Senhor...

O EMPREGADO - Há mais de oito dias que faço tenção de procurá-lo. Infelizmente um filhinho meu foi atacado de varíola...

CONSELHEIRO *(À parte.)* - Um filhinho! Ora sebo! *(Alto, secamente.)* Queira dizer então o que pretende.

O EMPREGADO - Como sabe, sou empregado do Tesouro, e, organizando a relação dos devedores à Fazenda Nacional, por títulos, condecorações, etc., encontrei o seu nome e lembrei-me de preveni-lo.

CONSELHEIRO - Quê! O senhor pensa que não tenho em que empregar o meu dinheiro? Como eu, há muitos, há milhares!

O EMPREGADO - Assim é, com efeito... mas, conhecendo e sabendo como são austeros os seus princípios...

CONSELHEIRO - O meu principal principio, meu caro senhor, é que quem é tolo pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Desde que a maior parte não paga, não serei tão pacóvio que...

O EMPREGADO - Porém...

CONSELHEIRO - E demais, escrevi no álbum que vamos oferecer ao Ministro...

MAGDÁ - Ah! papai escreveu? Algum pensamento? Qual foi, papai?

CONSELHEIRO - O meu nome... como todos.

MAGDÁ - Ora um álbum de nomes!... que lembrança!

CONSELHEIRO - Sua Excelência vai ter algumas horas de deleitosa e instrutiva leitura.

MAGDÁ - Antes lhe oferecessem o *Indicador Laemmert*.

CONSELHEIRO - Pelo menos era muito mais barato.

MAGDÁ - E lia-se melhor, por ser letra de imprensa...

O EMPREGADO - Então não quer pagar?

CONSELHEIRO - Eu me entenderei com o Ministro.

O EMPREGADO - Faz muito bem: procure o homem...

CONSELHEIRO - Procure o homem! Mas eu não faço outra coisa há tanto tempo! Olhe, ali vem o Doutor Cow-Pox com a vacina animal. Agarre-se a ele para vacinar-lhe a família.

O EMPREGADO - O conselho não é mau; vou aproveitá-lo.

(Entra o Doutor Cow-Pox, puxando uma vaquinha que traz chocalho no pescoço.)

O DOUTOR - Vacina animal! único preservativo eficaz contra a varíola!

Coplas

I

Quem me vir co' esta vaquinha
Pensará que eu vendo leite,
Porém tal ninguém suspeite,
Pois que leite ela não dá;
Não é vaca a vaca minha;
Não é vaca e sim vitela,
Quando a vaca inda é donzela
Não é vaca: sê-lo-á.
Tlin! tím! tlin!
Quem quiser boa vacina
Superfina
Aproxima-se de mim.

II

Mas, voltando à vaca fria,
Saibam todos que esta vaca
Da varíola a sanha aplaca,
Ande embora a quatro pés.
Quem temer a epidemia
Vamos lá! não perca a vaza:
No Hospital da Santa Casa
Me achará das oito às dez.
Tim! tlin! tím!

Assim pois, meus senhores, só terá hoje varíola quem quiser tê-la!

O EMPREGADO - Se Sua Senhoria pudesse chegar com a vaquinha até a nossa casa... Tenho uma porção de filhos. É perto daqui.

O DOUTOR - Vamos lá então. *(Saindo, acompanhado pelo Empregado e por alguns curiosos.)* Vacina animal! o único preservativo eficaz contra a varíola!

CONSELHEIRO - É um serviço que nos está prestando esse doutor...

MAGDÁ - Por que não lhe pediu que me vacinasse?

CONSELHEIRO *(Distraído.)* - É impossível, o doutor é casado...

MAGDÁ - Falo-lhe da vacina, e papai responde-me que o doutor é casado. Que maçada!

CONSELHEIRO - Sim... bem sei... mas não é de vacina que tu precisas: é de...

MAGDÁ (*Vendo entrar o Padre Inácio.*) - Um Padre!

CONSELHEIRO - O padre é o menos... Apareça o homem, que padres andam por ai às dúzias.

CENA IV

OS MESMOS, o PADRE INÁCIO, depois o BARÃO DE CAIAPÓ.

O PADRE (*Cumprimentando.*) - Senhor... Sou o Padre Inácio.

CONSELHEIRO - Perdão, não era com Vossa Reverendíssima que eu falava. Não tenho a honra de conhecê-lo.

O PADRE - Eu sou o Padre Inácio.

MAGDÁ - O da cartilha?

O PADRE - Não, minha filha, o do balão. (*Ao Conselheiro.*) Já que o encontro: a sua graça?

CONSELHEIRO - Conselheiro Pinto Marques.

O PADRE - Já que o encontro, Senhor Conselheiro Pinto Marques, tenho a satisfação de convidá-lo para a experiência que vou, pela centésima vez, realizar daqui a pouco.

CONSELHEIRO - Pela centésima vez? De que se trata então?

O PADRE - Da direção dos aeróstatos.

CONSELHEIRO - Homem, Padre, eu acho que Vossa Reverendíssima faria muito melhor tratando da direção das almas.

O PADRE - E a glória? e a imortalidade?

CONSELHEIRO - Histórias, Padre, histórias.

O PADRE - Histórias, não, senhor; descobri o meio de dirigir os balões... Comprei o Santa Maria de Belém.

CONSELHEIRO - Entra, Santa Maria!

O PADRE (*Espantado.*) - Como?

CONSELHEIRO - Nada. Lembrei-me agora de uma nova gíria de capoeiras, que li nas *Notícias Várias*... Entra, Santa Maria!

O PADRE - Noventa e nove vezes tentei subir...

CONSELHEIRO - Mas não subiu?

O PADRE - Não subi, porque, em havendo gás, o balão arrebentava, e quando o balão não arrebentava...

MAGDÁ - Não havia gás.

O PADRE - É verdade, minha filha; mas hoje...

CONSELHEIRO e MAGDÁ - Hoje?

O PADRE - Hoje, ou eu vou aos ares no balão, ou vai tudo pelos ares! Foi um padre brasileiro o inventor dos aeróstatos... Outro padre, e também brasileiro, descobrirá o ponto de apoio.

CONSELHEIRO - Está então disposto a pintar o padre?

O PADRE - Pintar o!... Estou disposto a pintar sua avó torta! Veja lá se quer divertir-se à minha custa! (*Saindo.*) Eu lhe mostro se subo ou se não subo. (*Sai.*)

MAGDÁ - Para que papai foi bolir com o padre?

CONSELHEIRO - Ora! um homem... que não é homem! Oh! Há quem aqui vem: o Barão de Caiapó.

O BARÃO (*Que tem entrado.*) - Barão por hora: qual. quer dia passo a Visconde. Nada, agora fia-se mais fino! Riem-se? Continuem a rir, se lhes parece. A coisa custou, mas veio.

CONSELHEIRO - O que é que veio, Barão? Você explique-se!

O BARÃO - Não vê esta encadernação de luxo? Calça da *Estrela do Brasil*... sobrecasaca do Simonetti... Ah! Meu amigo! Passei a minha concessão a uma grande companhia inglesa, e recebi bom número de pelegas. Estou rico! Arre! que já não é sem tempo!

CONSELHEIRO - Está rico! (*Tirando o chapéu.*) O senhor vai agora quebrar a castanha na boca de muita gente!

O BARÃO - Vou mesmo.

CONSELHEIRO - Eu por mim declaro que Vossa Senhoria nunca me pareceu ridículo, sempre censurei certas pilhérias de mau gosto.

O BARÃO - Eu sei... Agora sou um cidadão importante.

CONSELHEIRO (*Depois de alguma hesitação e consultando Magdá com os olhos.*) - E Vossa Excelência não pretende mudar de estado?

O BARÃO - Casar-me, eu? Está doido! Pois acabo de sofrer horrores durante tantos anos para obter a minha concessão, e agora, depois de velho e de arranjado, hei de procurar nova sarna para me coçar? Ora viva! casar-me! Nem uma princesa que me aparecesse! (*Sai.*)

MAGDÁ - Ora que lembrança, papai! Fazer de mim Baronesa de Caiapó!

CONSELHEIRO - Minha filha, este homem é uma mina! Hei de voltar à carga!... (*Vendo uns tipos suspeitos.*) Sabe que mais? Vamos embora. Isto por aqui está cheio de capoeiras, e eu respeito muito esses senhores.

MAGDÁ - Capoeiras? ainda?... Mas depois das medidas votadas pelo Parlamento...

CONSELHEIRO - Pois sim! ainda agora acabam de formar uma nova malta... Os Conceições da Marinha... Estamos perto do Museu... Vamos ver o esqueleto da baleia que apareceu na Copacabana.

CENA V

OS MESMOS, o PRIMEIRO ABOLICIONISTA.

PRIMEIRO ABOLICIONISTA - Conselheiro, aproxima-se a hora do *meeting*.

CONSELHEIRO - Hem? Já? Vamo-nos embora!

PRIMEIRO ABOLICIONISTA (*Agarrando-o.*) - Não consinto! Vossa Excelência há de soltar o verbo!

CONSELHEIRO - E o senhor há de soltar-me o casaco. Está maluco? (*Desprendendo-se.*) Vamos ver a baleia! (*Sai levando Magdá.*)

PRIMEIRO ABOLICIONISTA (*Falando a um grupo que se tem reunido.*) Cidadãos, as cenas de violência de que foi teatro o Teatro Politeama...

VOZES - Apoiado!

PRIMEIRO ABOLICIONISTA - A perseguição sem tréguas de que somos vítimas... (*Ouve-se apitar.*)

VOZES - A polícia! (*O Primeiro Abolicionista deita a fugir e desaparece. Entra a polícia, que dispersa o povo. Grande tumulto. Música na orquestra. Mutações.*)

QUADRO V

O peristilo do Palácio da Imprensa.

CENA I

UM PORTEIRO.

PORTEIRO

Isto aqui é o soberbo peristilo
Do Palácio da Imprensa.
Meus, senhores, e aquilo,
Aquela casa imensa,
É o Palácio, onde exerço
De porteiro as funções em prosa e verso.
A gente que me vê pasmada fica
De ter casa tão rica
Um porteiro tão sujo...
Quintino, Castro, Chaves, Araújo
E os demais jornalistas, bem quiseram
Despedir-me daqui, porém toleram
Minha ignóbil presença,
Porque sem mim, não pode haver imprensa
No Rio de Janeiro,
Nem no Brasil inteiro.
Dizem todos de mim o que Mafoma
Ao toicinho poupou, mas ninguém toma
A deliberação de me pôr fora.
Eu passo muito bem, não vou me embora.
Às ordens me acho aqui todos os dias
De Vossas Senhorias:
Se pretendeis na imprensa

Dirigir uma ofensa
Por detrás da cortina,
Quaisquer injúrias esta mão assina.
Nem procuro sequer saber o assunto,
Nem o nome da vítima pergunto.
Se acaso contra mim se volta a vítima,
Eu digo-lhe chorando
Que exerço honesta profissão legítima,
E movo-lhe a piedade,
E ela deixa-me em paz. É bem verdade
Que vou, de quando em quando,
Na cadeia cumprir uma sentença
Por delitos de imprensa.
Não faço cara feia,
Pois tenho na cadeia
Casa, cama e comida;
Só não tenho jornais, que é coisa proibida.
Se alguém precisa de ladrão pra cima

Ao próximo chamar, burro, bilontra,
Tudo quanto quiser, ao seu dispor me encontra:
Eu chamo-me Romão José de Lima.

CENA II

O PORTEIRO, o CONSELHEIRO, MAGDÁ.

PORTEIRO

- Quem procura o senhor? Deseja acaso
Passar descomponenda
Que deite tudo raso,
Sem que dessa coragem se arrependa,
Ou que ponha vermelha,
A cara de Brantôme e a de Bocácio?
Quem procura o senhor neste Palácio?

CONSELHEIRO

- O Doutor Várias e o Doutor Zé Telha.
(*A Magdá.*) Fala-me em verso; em verso lhe respondo.

MAGDÁ - Antes os versos do que a prosa chata!

PORTEIRO - Procura os dois? Será coisa de estrondo?

CONSELHEIRO - Coisa particular.

MAGDÁ - De que se trata?

CONSELHEIRO

- De ti se trata, minha filha: andamos
Há tanto tempo a procurar um homem;
Daqui pr'ali constantemente vamos,
E as ilusões efêmeras se somem.
Só poderemos encontrar marido
Que ofereça magnífico partido
Na bela imprensa. José Telha é moço
E de espírito um poço;
Tem pelas sogras um rancor profundo:
Tu não tens mãe, que a minha Gabriela,
Para eterno descanso - meu e dela -
Deixou-me só no mundo.
O outro, o Várias, é talvez mais velho,
Mas não é trapo que se atire ao canto:
Agrada-me, porquanto
Não quero ver-te esposa de um fedelho.

MAGDÁ

Mas porque carga d'água na veneta
- Ser o sogro lhe deu de um jornalista?

CONSELHEIRO

- Filha, eu leio o Jornal, leio a Gazeta:
Vi uma discussão fisiologista
Entre esses dois senhores, a propósito
Das suas respectivas qualidades,
E nenhum deles, se escreveu verdades,
É traste que se mande pro Depósito.
Se eu quero achar um homem, certamente
Melhor não posso desejar que aquele
Que declara que o é, publicamente.

PORTEIRO

- Permita que uma coisa eu lhe revele:
O Telha e o Várias são papéis queimados.

CONSELHEIRO - Casados!

MAGDÁ (*À parte, contente.*) - São casados!...

CONSELHEIRO

- É mais uma ilusão deitada fora.
(À *Magdá.*) Estás muito caipora!

CENA III

OS MESMOS, o RIO DE JANEIRO.

MAGDÁ - Veja, papai, que tipo extravagante!

CONSELHEIRO

- Um defunto ambulante!
Olá, senhor, fugiu do cemitério,
Ou anda a procurar o necrotério?

PORTEIRO

- Eis um que ao termo da viagem chega,
Sem me dar a ganhar uma pelega!

RIO DE JANEIRO

- Ó meu Romão, comigo não se enfade,
Porque não foi por falta de vontade.

CONSELHEIRO - Ele fala!

Rio DE JANEIRO

- Meu caro Conselheiro,
Já não conhece o *Rio de Janeiro*?
Contemple neste pobre moribundo
Mais um jornal que resistir não pode
Aos artigos de fundo,
Se benéfica mão há que os pode,
Eu esfalfei-me a defender governos,
Escrevendo cadernos e cadernos,
Pra provar, com cinismo,
Que não estamos à beira de um abismo;
E, no entanto, de dividas cativo,
Eu passo por defunto estando vivo!

CONSELHEIRO

- Eu suponha-o já morto, porque, em suma,
Não há meio de vê-lo em parte alguma!

PORTEIRO - Por que não passa a publicar-se à tarde?

CONSELHEIRO - Cure-se: o mesmo redator não guarde.

RIO DE JANEIRO

- Mudei de redator e noutra não me meto,
Pois foi pior a emenda que o soneto!

(Mostrando muitos papéis que traz debaixo do braço.)

Toda minha esperança
Na papelada que aqui está, descansa.
É do Bíblia o famoso testamento
E são todas as peças do processo.
Vou fazer um romance de espanto!
Se isto não me salvar, desapareço!

(Apertando a mão ao Conselheiro.)

Se eu morrer, acompanhe o meu enterro.

(Cumprimentando Magdá com a cabeça, e o Porteiro com um gesto.)

Minha senhora! - Adeus, testa-de-ferro!

(Entra no Palácio.)

PORTEIRO- Está por um momento!

MAGDÁ - Pois se ele até já leva o testamento!

CENA IV

O PORTEIRO, o NOVIDADES, o CONSELHEIRO, MAGDA.

NOVIDADES *(Saindo do Palácio e falando para dentro.)*

- Arrasta-te, peralta!

Morre, vadio, que não fazes falta! *(Descendo ao Porteiro.)*

Recusa-se o Governo a socorrê-lo:

Pena melhor tem cá pra defendê-lo.

MAGDÁ - Este rapaz quem é, tão sacudido?

CONSELHEIRO - É um jornal, não serve pra marido.

NOVIDADES

- Pois não conhece, moça,
O Novidades? Ouça:

Copla

Nasci modestamente
Na Rua do Ouvidor,
E tive *incontinenti*
O público a favor.
Na de Gonçalves Dias,
Par'onde me mudei,
Maiores simpatias,
Senhores, encontrei.
Das três às cinco e meia
Não há quem me não leia;
Não há quem não procure novidades
No *Novidades!*

(*Declamando.*) Não me dei bem cos ares matutinos,
E mudei para tarde os meus passeios,
Ando na mão de trêfegos meninos,
Outros tantos esteios
Dos meus risonhos, prósperos destinos.

CONSELHEIRO

- Mas a sua política tendência
Simpática não é...

NOVIDADES

- Não é?... Paciência,
Não posso ser um patacão luzente
Que agrada a toda gente...

PORTEIRO

- Têm merecido apaixonadas críticas
Suas *Notas Políticas...*

CONSELHEIRO - Eu tenho-as lido... no *Jornal*.

NOVIDADES

- Transcritas
Por algum tipo que as achou bonitas.
Mas... político eu sou por incidente;
Tenho principalmente

Notícias... novidades...
E me esforço por serem só verdades.

MAGDÁ - Tem o "Palanque"

NOVIDADES

- Isso é o pior que tenho.
Falta-lhe graça, não lhe sobra engenho,
E decorre de graves e de agudos
Nestes tempos bicudos.

CENA V

O PORTEIRO, o CONSELHEIRO, MAGDÁ, o NOVIDADES, CANECA.

CANECA (*Entrando.*)

- Eu sou poeta; eu canto as borboletas
E o brilho das esplêndidas auroras...
Fiz um volume ornado de vinhetas
E intitulei-o *Ondulações Sonoras*.

NOVIDADES - Vem oferecê-lo à imprensa?

MAGDÁ (*À parte.*)

Ele é poeta,
E tem na fonte a palidez do asceta!

CANECA

- Eu venho com meus versos sonorosos,
Tristes, ardentes, pudibundos, castos,
Encher o batalhão dos numerosos
Nunes Garcias e Barretos Bastos.

MAGDÁ (*Entusiasmada.*)

- Fez um livro de versos?

CANECA

- E são meus!
Ninguém, graças a Deus,
Lhes dirá o que disse um crítico iracundo
Do soneto das *Pombas* do Raimundo.

CONSELHEIRO (*À parte.*)

- Querem ver que afinal achei o homem?

(*Alto, a Caneca.*)

Senhor, poeta, diga-me: é solteiro?

CANECA - Certamente.

MAGDÁ (*Contente.*) - Solteiro!

CONSELHEIRO

- Cavalheiro,
Quer casar-se?

CANECA

- Casar-me? *Vade retro!*
Se me tomam por doido, não me tomem!
Um casamento?! Pavoroso espectro!
Pois não vê que sou padre?!

CONSELHEIRO - Mais um padre!

CANECA - Eu casar-me? Essa é boa!

PORTEIRO (*Tirando o chapéu a Caneca.*) - Pois se o homem tem c'roa!...

CONSELHEIRO (*A Magdá.*) - E não achamos noivo que te quadre!

MAGDÁ (*À parte.*) - Fernandinho, perdoa!...

CENA VI

OS MESMOS, SOUVENIR, O DIÁRIO ILUSTRADO.

SOUVENIR (*Ao Novidades.*)

- Sabes? um telegrama aí está de Pernambuco
Dando eleito o Nabuco!

NOVIDADES

- O Nabuco?! E Portela, o meu melhor amigo?!
Vou fazer um artigo! (*Entra no Palácio.*)

SOUVENIR

- Acabo de assistir aos últimos momentos
De três colegas! Três falecimentos!...

O RIO DE JANEIRO

- Inda agora soltou o artigo derradeiro.

O DIÁRIO ILUSTRADO

- Tinha apenas, coitado,
Nascido, e de repente... neste instante,
Morreu de apoplexia fulminante!
Pobre *Vida Moderna!*
De nada lhe valeu chamar-se *Vida!*

PORTEIRO - Não era a vida eterna!

SOUVENIR - Morreu também... morreu por não ser lida!

(*Vendo Magdá e tomando notas a lápis num caderninho.*)

- Olé? uma senhora!
Caderninho na mão! lápis de fora!
Tomemos nota da toalete!

CONSELHEIRO - Diga.

Quem é aquele tipo interessante?
'Stá fazendo o retrato à rapariga?

PORTEIRO

É o Cupido da Imprensa, o petulante
Gregório Souvenir. Faz as delicias
Dos leitores do *Diário de Notícias*.
Se vê dama janota,
Das fanfreluches corre a tomar nota.

CONSELHEIRO - Que vocação tem ele pra modista!

CANECA

- Tem vantagens a lista,
Que publica, das gentis madamas
Que pela Rua do Ouvidor passeiam.

CONSELHEIRO - Reverendo, quais são?

CANECA

- Famosas damas,
Que daqui para ali saracoteiam
Na ausência dos maridos,
Temendo ver seus nomes inseridos

Na lista, deixam-se ficar em casa,
E o jantar não se atrasa...

SOUVENIR

- Eu vi uma dengosa moreninha
Comendo no Pascoal uma empadinha;
Os seus dentes alvíssimos entravam
Num camarão gostoso,
E os seus olhares rútilos lançavam
Um raio luminoso
Entraste na crisálida do beijo,
Ditoso camarão! como eu te invejo!
Avec un charme extrême
Ela trajava bela *jupe en faille*,
Corset vertceladon, chapeau en paille,
Garni de roses et de ruban crème.
Vi mesdames: T, F, A, B, P, M.
G, K, T, O, P, A, B, B, C, T.
G, R, A, G, T, A, D, I, J, V.

Quinteto

Desse modo, meu amigo,
Poderá vossemecê
Transformar qualquer artigo
Numa carta de *abc!*
Tal sistema, com certeza,
Faz lembrar a Arquiduquesa.
A.B.
C.D.
E.F.G.
H.I.J.K.L.M.N.O.P.Q.
R.S.T.
U.V.
X.Y.Z.

TODOS - A.B.C. etc.

PORTEIRO (A *Souvenir.*)

- É certo que o *Diário*
Mudou de proprietário?

SOUVENIR

- Mudou; mas eu fiquei... Não me repeles,

Meu bom *Diário*, enquanto neste mundo
Comprido, largo e fundo,
Houver *madames* e *mademoiselles*!

PORTEIRO

- Eis aí vem a *Gazeta de Notícias*.
A *Gazeta*? Que pândega!

(A *Gazeta de Notícias*, entrando acompanhada de dois carregadores trazendo um caixão em que se lê: "Senhores Araújo e Mendes, Rio de Janeiro".)

A GAZETA

- Bravo! tenho as primícias
De um belo livro! Fui buscá-lo à Alfândega!
Valioso mimo que me manda o Eça.

(Ao porteiro.) - Abre aquilo depressa.

(Aberto o caixão, sai de dentro a Relíquia. Os carregadores saem levando o caixão.)

CENA VII

O PORTEIRO, o CONSELHEIRO, MAGDÁ, CANECA, SOUVENIR, a GAZETA DE NOTÍCIAS, a RELÍQUIA.

A GAZETA - Como te chamas, meu tudo?

A RELÍQUIA - A *Relíquia*.

CONSELHEIRO - Um belo título!

A GAZETA -

- Que livro! Cada capítulo
Vai dar-me um conto...

O PORTEIRO (*À parte*.)

- E um canudo!

(*Alto*)

O meu Bacharel Raposo
Há de ser apreciado,
Por estar monografado
De um modo meticoloso,
Porém o que mais espanta,
E o que mais agradar deve,

É o trecho em que se descreve
A famosa Terra Santa.

CONSELHEIRO

Ora! o mau gosto penetra
Em toda a parte hoje em dia.
Preferirão a *Judia*:
"Fui, corri o mapa... *Et cetera.*"

A GAZETA (*Dando a mão á Relíquia.*)

- Anda daí por quem é!
Não temos tempo a perder!
Venha, sinhá! vai fazer
Figura no rodapé. (*Entra no Palácio com a Relíquia.*)

MAGDÁ (*Ao pai.*) - Vamos, basta de maçadas!

CONSELHEIRO - Se o homem [.....]

Mas se encontram camaradas.

CENA VIII

O PORTEIRO, o CONSELHEIRO, MAGDÁ, CANECA, SOUVENIR, PRUD'HOMEM, depois o SPORTMAN, depois o ESPORTE, depois a ÉPOCA, depois a GAZETA NACIONAL.

Coplas

- Inda eu tenho miolos na pinha!
Inda um fogo bem vivo aqui arde
Não escrevo nem mais uma linha
Pra famosa *Gazeta da Tarde*.
Mas eu vejo mil crimes impunes
E não quero passar por vadio:
Lá na casa que foi Faro e Nunes
Vou fundar a *Cidade do Rio*. (*Sai.*)

SOUVENIR - Tem talento: longe irá.

PORTEIRO

- Um cidadão prestadio:
Funda a Cidade do Rio
Depois de Estácio de Sá.

MAGDÁ (*Vendo entrar o Sportman que vem chorando.*) - Papai, um homem chorando!

PORTEIRO

- O *Sportman*, um jornal novo...

Saiu agora do ovo,

Mas vai posição tomando.

(*Recrudescer o choro do Sportman.*)

CANECA - Mancebo, não te desvaires!

SOUVENIR - Por que choras?

SPORTMAN

- Faça idéia:

A nossa grande Frinéia

Foi perder em Buenos-Aires!

SOUVENIR - Talvez seja algum canção...

CONSELHEIRO

- Mas esse animal querido

Tinha sido aqui batido

Por Salvatus e Satã.

SPORTMAN

- Não é vergonhoso, creia,

Fazer má figura em casa,

Mas é coisa que atenaza

Fazê-la na casa alheia.

PORTEIRO (*Vindo buscar o Esporte que entra com a cabeça amarrada, emplastro no olho e manqueando.*) - Um jornal recém-nascido.

O ESPORTE - O *Esporte!*

CONSELHEIRO

- Ainda! Mas veja!

Traz ligaduras!... Manqueja!...

Onde é que esteve metido?

O ESPORTE

- Ó senhor, não me exacerbe

Recordando-me a desgraça:

Eu quase deixo a carcaça
Numa corrida do *Derby*.

SOUVENIR - São de prazer os percalços.

PORTEIRO

- Tenha o *Derby* uma botica,
Onde haja bastante arnica,
Unguentos e pontos falsos.

A ÉPOCA (*Entrando.*) - Meus senhores, com licença...

CONSELHEIRO - Que bela menina!

SOUVENIR- Olé! (*Toma nota.*)

A ÉPOCA

- Sabem dizer-me: não é
Este o Palácio da Imprensa?

PORTEIRO

- Sim, minha bela senhora;
E, mal seu nome disser,
Levá-la-ei, se quiser
Sem a mínima demora.

A ÉPOCA

- Eu sou a *época*. Acabo
Neste instante de nascer,
Porém prometo fazer
Na nossa imprensa o diabo.
Não tenho programa.

CONSELHEIRO

- Homessa!
Mas isso é programa?

SOUVENIR - Imenso!

A ÉPOCA

- Terei sintaxe e bom senso,
Não é programa: é promessa.
O meu redator em chefe,
Conquanto ensine rapazes,
Não tem mãozinhas capazes

De palmatória e tabefe;
Eu, por conseguinte, espero
Que as folhas, colegas minhas,
Me recebam nas palminhas,
E é um sorriso...

PORTEIRO - Oh! sincero!

(Entra a Gazeta Nacional arrebatadamente, cantando a Marselhesa. Todos se assustam.) - Olé! Também é jornal!

CONSELHEIRO *(Que de medroso se escondeu reaparecendo.)* - Desculpa: doida supu-la.

(A Gazeta Nacional mostra-lhe o seu barrete frígio.)

Bravo! Como se intitula?
A Gazeta Nacional.
A Gazeta Nacional.

PORTEIRO
- Dona, se não a importuna
A pergunta, dê licença:
Que veio fazer na Imprensa?

GAZETA NACIONAL - Vim preencher uma lacuna.

MAGDÁ
É justamente o que faz
Toda a folha recém-nata.

GAZETA NACIONAL
- Republicana exaltada,
De grandes coisas capaz,
Venho salvar o país...
E, sem mais tirte nem quarte,
Vou metendo em toda parte
O petulante nariz.

CENA IX

O PORTEIRO, o CONSELHEIRO, MAGDÁ, CANECA, SOUVENIR, PRUD'HOMEM, a ÉPOCA, o PESCADOR, PESSOAS DO POVO, depois a GAZETA DE NOTÍCIAS, depois um CRÍTICO.

PRUD'HOMEM

- Encontrei um grande amigo
E venho à imprensa trazê-lo.

TODOS - Quem é?

PRUD'HOMEM - Um homem modelo!

CONSELHEIRO - Modelo? Então é comigo.

PRUD'HOMEM - Um pescador.

TODOS - Pescador!

(*Aparecendo.*) - Para servi vosmecês.

PORTEIRO - Que fez ele?

MAGDÁ - Ele o que fez?

PRUD'HOMEM

- Fez prodígios de valor;
Por entre vagas daninhas,
Vendo um vapor naufragar,
Foi pescar homens no mar
Como quem pesca sardinhas.

PESCADOR

- *Quaqué* outro em meu *lugá*
A mesma coisa faria;
É o mundo uma pescaria
É coisa *face pesca*.
A *incasiáo* não é má:
Eu estou entre gente amiga
Vou *cantá* uma cantiga
Do *Esp'rito* Santo...

TODOS - Vá lá.

Cantiga

(*Música popular do Norte.*)

I

PESCADOR

- Nesta vida de interesse,
Neste mundo *enganadô*,
Não há *home* que não seja
Mais ou menos *pescadô*.
Pesca o pobre, pesca o rico,
Pesca aqui, pesca acolá;
Pesca uns porque *precisa*,
E outros *pesca* por *pescá*.
Atira a rede,
Pesca, seu bem!
Tem paciência,
Que o peixe vem!

CORO - Atira a rede, etc.

II

PESCADOR

- Pescadores de águas *turva*
Na política se *vé*;
Há nas classes *elevada*
Pescadores como quê.
Mas há muito quem na pesca
Tenha só *contrariação*:
Desejando peixe fino,
Só apanha algum cação,
Atira a rede, etc., etc.

III

Se alguém vê uma menina
Na janela *namorá*,
Fique certo de que aquilo
É que chama-se *pesca*.
Mas cuidado, *sinhazinha*:
Nunca pesque um peixe só.
Lance a três a mesma isca,
Prende seis no mesmo *anzó!*...

Atira a rede, etc.

GAZETA DE NOTÍCIAS (*entra, vem pensativa ao proscênio e cruza os braços*).

- Não há decepção tamanha
Que, com a minha, se meça:
Fez a *Relíquia* do Eça
Fiasco monumental.

(Alegre.)

Mas ora adeus! cara alegre!
Tréguas ao meu desespero!
Para consolar-me, espero
As cartas do Demerval.

TODOS - Apoiado! (*Olhando para dentro.*)
- Silêncio! Ei-lo que volta!
Foi a São Paulo, andou à rédea solta...
Ei-lo outra vez!

O CRÍTICO (*Entrando, lançando-se nos braços da Gazeta.*)
- Venha esse longo abraço!
Pode apertar-me o rígido espinhaço!

A GAZETA - Vens encantado de São Paulo?

O CRÍTICO - Venho.
Não fui a Santos, apesar do empenho
Que houve pra que lá fosse;
Mas fui ameaçado cum banquete.
Eu farto estava já de tanto doce,
E a viagem tornava-se cacete.

CONSELHEIRO (*Aproximando-se do Crítico.*)
- Eu folgo de encontrá-lo,
Porque necessitava consultá-lo;
Em primeiro lugar saber preciso:
Se é solteiro ou casado?

O CRÍTICO
- Sou casado.
Digo-lhe mais: não tardo a ter netinhos.

CONSELHEIRO
Ouviste, minha filha? Eu perco o juízo!
Marido assim, nem mesmo encomendado!

MAGDÁ (*À parte, depois de olhar para o Crítico.*)
- Não há dois Fernandinhos!

CONSELHEIRO
- Agora as impressões que daqui leva
Diga, embora mais tarde um livro escreva.

O CRÍTICO

- Muito me agrada esta cidade: é linda;
Mas muita, muita coisa falta ainda
Para um país primeiro entre os primeiros.

A GAZETA - Já viste o nosso Corpo de Bombeiros?

O CRÍTICO

- Podia ser mais limpa esta cidade.
Há ruas onde a vossa Edilidade
Deixa ficar imundos atoleiros...

CONSELHEIRO - Mas, entretanto, o Corpo de Bombeiros...

O CRÍTICO - Ser melhor a polícia bem podia...

MAGDÁ - O Corpo de Bombeiros, todavia...

O CRÍTICO - E não andar nas mãos de uns paturebas!

PESCADOR - Temos um Corpo de Bombeiros tebas!

O CRÍTICO

- Deviam-se alargar diversas ruas,
Ficando apenas uma onde estão duas,
E pôr abaixo uns tantos pardieiros...

SOUVENIR - É pena que não visse o Corpo de Bombeiros!

O CRÍTICO

- Mas construções oficiais, não deixo
De notar, francamente, algum desleixo
Por parte de arquitetos e engenheiros...

CANECA - Porém temos um Corpo de Bombeiros...

O CRÍTICO

- As Belas-artes, coitadinhas, morrem,
E em seu auxílio rápidos não correm
Os velhos conselheiros...

PRUD'HOMEM - Mas deixa lá, que o Corpo de Bombeiros...

O CRÍTICO

- Nas folhas diárias vejo as cerebrinas,

As ignóbeis mofinas,
A vergonha maior dos brasileiros...

PORTEIRO - Por que não vai ao Corpo de Bombeiros?

O CRÍTICO (*Impacientado.*)

- Pois bem! eu juro e atesto:
Tendes um belo Corpo de Bombeiros,
Mas falta-vos... o resto.

TODOS - Pois viva o nosso Corpo de Bombeiros!

(*Música na orquestra. Olham todos para fora e apontam. Movimento.*)

CENA X

OS MESMOS, a COLÔNIA PORTUGUESA, trazida num palanquim, acompanhada por algumas associações portuguesas do Rio de Janeiro; depois o GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA. (Depois de uma grande marcha.) Música de Adolfo Lidner. A colônia Portuguesa desce do palanquim e aproxima-se o Crítico.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Não vou a nenhuma parte
Senão por motivo forte...
Soube que estavas na Corte
E venho cumprimentar-te,
Merece tanta fineza
Tão robusta inteligência.

O CRÍTICO - Mas quem é Vossa Excelência?

COLÔNIA PORTUGUESA - A Colônia Portuguesa.

O CRÍTICO

- Oh! perdão, formosa dama!
Eu protesto-lhe o respeito
A que tem todo o direito
A sua esplêndida fama.
Nesta cidade formosa,
Onde sei que não te queixas,
Tive uma mala do Seixas,
Tive a comenda de Rosa,
Tive uma pena, e o diploma
De presidente honorário

De um congresso humanitário,
Que, por patrono, me toma.
Enfim pelo brasileiro
Fui nas palminhas tratado;
Porém, senhora, ao teu lado
Menos me sinto estrangeiro.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Nunca to sintas; bem vês
Que neste país tamanho
Uma coisa é ser estranho
E é outra ser português.
No fundo do coração
Pelo Brasil recebidos,
Nós somos irmãos queridos,
Não somos hóspedes, não.
Se o primeiro Imperador
Fez, numa situação crítica,
A independência política,
Não fez decerto a do amor.
Mas, para mostrar que valho
Tanta afeição e tão terna,
Esta divisa moderna
Eu adotei - o Trabalho.
Longo fora enumerar-te
Tudo quanto tenho feito,
Mas ficarás satisfeito
Se as minhas obras mostrar-te.

O CRÍTICO

- Mostra-mas, e não presumas
Que com isso me incomodas.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Não, posso mostrar-te todas,
Mas posso mostrar-te algumas.

(*As associações.*) Em linha, desfilar! Um por um venha!

(*Ao Crítico.*)

Verás! quando outro espírito não tenha,
Possuo, ao menos, o de associação.
Atenção!

TODOS - Atenção!

(Música em surdina na orquestra. As associações desfilam d medida que são nomeadas pela Colônia Portuguesa.)

Eis a Beneficência,
A minha glória, o meu eterno orgulho!

O CRÍTICO - Porém houve entre os médicos barulho.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Uma greve... não teve consequência.
O Liceu Literário...
Vê como vai catita;
Não há colégio mais humanitário,
Nem mais cosmopolita,
Não faz questão de nacionalidade:
Para aprender ali, basta a vontade.
A Caixa de Socorros,
A Caridade a jorros!
O Real Clube Ginástico...
Inteligente, pândego, fantástico...
Este é o Retiro Literário... um ninho...
O Congresso Ginástico aparece...
O Congresso a que vem Martins de Pinho...

O CRÍTICO - Bem sei, o tal que teve uma quermesse.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Enfim traz cada qual o seu letreiro.
Não há em Portugal poeta ou guerreiro,
Varão ilustre que não esteja aqui...
Camões, Egas Munis, Vasco da Gama...
Vê... figurões de mais ou menos fama...
Bocage, Afonso Henrique...

O CRÍTICO

- Vejo ali
O Marquês de Pombal, se não me iludo...

COLÔNIA PORTUGUESA - Há meia dúzia de Pombais.

O CRÍTICO *(Vendo passar o último.)* - É tudo?

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA (*Entrando.*)

- Falta eu só pra que
O grupo se complete.
Tardei um pouco mais do que devia,
Porque estive a mudar de freguesia.

O CRÍTICO - Quem é? Não tem letreiro

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

- O Gabinete Português de Leitura
Nasci modestamente ha cinquenta anos,
Toda à casta sofri de desenganos,
E já bem perto andei da sepultura.
Mas felizmente esta senhora aos poucos
Se convenceu da minha utilidade;
Aos rogos meus não fez ouvidos moucos,
E abriu-me as portas da prosperidade.

COLÔNIA PORTUGUESA - Dei-lhe um palácio!

O CRÍTICO - Cáspite!

COLÔNIA PORTUGUESA

- Menino,
Português, e mãos largas são sinônimos.

GABINETE

- Um palácio soberbo, manuelino,
Que é, por fora, o Convento dos Jerônimos,
E, por dentro, um alcácer peregrino!

O CRÍTICO - Vai o palácio então fazer barulho?

COLÔNIA PORTUGUESA - É digno das maiores capitais.

GABINETE

- A todo Portugal enche de orgulho
E causa inveja aos próprios nacionais.

O CRÍTICO

- Os próprios nacionais... um *calembur* diviso...
Mas vamos!... quero vê-lo!... e que me leve a breca,
Se aquilo é gabinete, e não biblioteca!
Vamos!

COLÔNIA PORTUGUESA

- Não é preciso
Que saiamos daqui...

O CRÍTICO

- Inda que invoques
As artes de berliques e berloques,
Duvido que possamos
O Gabinete ver sem que saiamos.

COLÔNIA PORTUGUESA

- Esqueces com certeza
Que tudo pode a colônia portuguesa!
O edifício apareça resplendente
Que há de honrar o meu nome eternamente!

(Gesto, mutação.)

QUADRO VI

O interior do novo edifício do Gabinete Português de Leitura. Música na orquestra. Todos os personagens dão vivas á Colônia Portuguesa.

ATO TERCEIRO

QUADRO VII

(Parte do saldo do Teatro São Pedro de Alcântara Ao fundo a estátua de Antônio José.)

CENA I

CONSELHEIRO, MAGDÁ, ESPECTADORES.

Coro

Que bela música!
Que perfeição!
Canta-nos, fala-nos
Ao coração!

UM ESPECTADOR (A *outro.*) - Então, seu Viana, que tal lhe pareceu a primeira parte do concerto?

O OUTRO - Magnífica. Gostei muito da *Dança Macabra*.

O ESPECTADOR - Não diga *macabra*... É *macbra* que se diz.

CONSELHEIRO (A *Magdá.*) - Decididamente estes concertos populares não de popularizar-se. Eu, por mim, declaro que nunca ouvi tão boa música no Rio de Janeiro.

MAGDÁ - Temos andado estes últimos dias numa dobadoura!

CONSELHEIRO - Só exposições de pintura visitamos umas poucas. Nunca se pintou tanto nesta terra. Praias de Icaraí, vimos seguramente vinte...

MAGDÁ - Ainda ontem visitamos a exposição dos caminhos de ferro.

CONSELHEIRO - Não perdemos nada. Saí encantado da Liceu de Artes e Ofícios. (*Vendo que os figurantes têm se retirado todos.*) Já cá não está ninguém. Parece que principiou a segunda parte.

MAGDÁ (*Que se tem aproximado da estátua.*) - Papai, quem é este sujeito?

CONSELHEIRO - Não vês o letreiro? "Antônio José, poeta cômico". Foi grande brasileiro que morreu nas fogueiras do Santo Ofício.

MAGDÁ - Coitado. (*A estátua reanima-se: o Conselheiro e Magdá fogem espavoridos cada um para seu lado.*)

CENA II

CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ.

(*Quando a estátua se reanima, há um acorde na orquestra, e a música continua em surdina até que Antônio José desça do pedestal.*)

ANTÔNIO JOSÉ

- Agradecido, senhora,

Senhora, muito obrigado:

Essa palavra - *coitado* -

Me comove e me penhora.

Em tempos que já lá vão,

Quando o mundo andava torto,

Eu, com efeito, fui morto
Pela Santa Inquisição.
Mas o espírito travesso
Que engendrou tanta obra-prima
De vez em quando reanima
Este boneco de gesso..
Sabem? fizeram de mim,
Pondo-me neste salão,
Comediógrafo não,
Mas moço de botequim.
Quando por trás do balcão
Eu presidia às bebidas,
As toalhas sujas, servidas,
Me penduravam na mão.

CONSELHEIRO (*Ainda espantado.*)

- Em coisa tão singular
Custa-me crer, minha filha!

MAGDÁ (*Idem.*)

- Não há maior maravilha
Do que uma estátua a falar!

ANTÔNIO JOSÉ

- O fato é bem natural,
Mas, pra falar mais a gosto,
Eu vou sair do meu posto,
Saltar do meu pedestal.

(*Salta para o palco. Os dois se assustam.*) Pronto!

MAGDÁ

E ele pôde saltar
Sem que ficasse em pedaços!

CONSELHEIRO

Se dá mais dois ou três passos,
Em fanicos vai ficar!

ANTÔNIO JOSÉ

- Mas por que atônito estás?
Sou homem, como pareço! -

CONSELHEIRO

- Homem?!... Nada... Homem de gesso
Não nos faz conta.

MAGDÁ

- E por que sérios motivos
Deixas, agora, pergunto,
A posição de defunto,
E vens flunar entre os vivos?

ANTÔNIO JOSÉ

- Senhora, descer aqui
Considero um sacrifício,
Triste percalço do ofício
Que neste mundo exerci.
São bem pouco interessantes
Estas vindas aqui em baixo;
Melhor lá nos mundos me acho
Dos espíritos errantes.
Se à minha terra natal
Atualmente eu venho ter,
É pra revista fazer
Do movimento teatral.

CONSELHEIRO

- O mais honroso lugar
Na projetada revista,
A Emanuel, o grande artista,
Parece que deves dar.
A sua estréia no *Otelo*
Foi um acontecimento;
Não 'spero ver um talento
Mais singular, nem mais belo.
Não viste o velho Arduíno?
Nem Mercadet? nem Alceste?
Não sabes quanto perdeste...

ANTÔNIO JOSÉ - Era bom?

MAGDÁ

- Era divino!
Na noite de sua festa,
Teve uma ovação... que horror!...

CONSELHEIRO

- Raro com tanto calor
O povo se manifesta!
Nessa revista fecunda
Deve também ter entrada
A companhia chamada
Dona Maria Segunda,
Composta de alguns atores
De muito merecimento.

MAGDÁ - Brasão tem muito talento.

CONSELHEIRO

E os Rosas são duas flores.
- Não te esqueças também disto...

(Põe-se a imitar os fantoches.)

ANTÔNIO JOSÉ - Isso o que é?

(Conselheiro continua.)

- Não me deboches!
'Stou imitando os Fantoches. *(Continua.)*

ANTÔNIO JOSÉ

- Não continues... tenho visto...
No circo de cavalinhos,
Estiveram duas vezes
Uns senhores japoneses...

MAGDÁ - Por sinal, que bem sujinhos...

ANTÔNIO JOSÉ

Pelo teatro te interessas?
Verás que Antônio José,
Sem daqui arredar pé,
Evoca artistas e peças.
Poder sobrenatural,
Força magnética, imensa,
Faz vir à minha presença
Todo o mundo teatral.
Mas não aparecerão
Nesta cômica revista
Qualquer peça ou mesmo artista
De que hajas feito menção.

(Vendo entrar a Companhia Heller.)

'Stás vendo? a dança começa! (À Companhia Heller.)

Quem és tu, bela menina?

És uma atriz papa-fina?

És um teatro? uma peça?

CENA III

OS MESMOS, a COMPANHIA HELLER.

A COMPANHIA HELLER

- Sou do Heller a Companhia.

O meu querido empresário

Fez um ato extraordinário:

Dissolveu-me.

CONSELHEIRO - Quem diria?

A COMPANHIA HELLER

- Em seguida, anunciou

Que nova empresa formava...

CONSELHEIRO

Bem sei: que te reformava...

Porém não te reformou.

A COMPANHIA HELLER

- Causar não pôde alvoroço

Reforma tão pequenita:

Pôs-se pra fora o Mesquita,

Pôs-se pra dentro o Peixoto.

ANTÔNIO JOSÉ - Que peças tens?

A COMPANHIA HELLER - Imagine:

A Princesa Flor de Maio...

ANTÔNIO JOSÉ

- Uma mágica? Desmaio!

De que autor?

A COMPANHIA HELLER - Do Carrancini.

ANTÔNIO JOSÉ - Vamos, vamos! que mais há?

A COMPANHIA HELLER

- Serviram de amargo exemplo

A Toutinegra do Templo

E O Moleiro de Alcalá.

Sempre o teatro vazio!

Mas Jacinto não cansa,

Nem nunca perde a esperança...

ANTÔNIO JOSÉ - Essa virtude aprecio.

A COMPANHIA HELLER

- Pôs o Amor Molhado agora

E as mãos para o céu levanta,

Pois a concorrência é tanta,

Que vai muita gente embora,

Por não ter bilhete achado.

O bilheteiro, por isso,

Vendo aumentar o serviço,

Pede aumento de ordenado.

CENA IV

OS MESMOS, um ADMIRADOR, trazendo pela mão uma atriz.

O ADMIRADOR

- Já que se faz a revista

Das teatrices deste ano,

Venho entusiasmado, ufano,

Apresentar uma artista.

(Apresenta a atriz, que cumprimenta e é Cumprimentada.)

A COMPANHIA HELLER

- Eu despeço-me à francesa... *(Sai)*

O ADMIRADOR

Chegou há pouco da roça;

É nossa, nossa, bem nossa,

E vale bem quanto pesa.

Sem que dos gestos abuse,

Sem que os efeitos ignore,

Faz esquecer a Ristori

E põe num chinelo a Duse!
Sabendo do despontar
Desta estrela brasileira,
Resolveu fazer-se freira
A grande Sarah Bernhardt. (*Novos cumprimentos.*)
Faz amanhã benefício:
Pois há de encher-se o teatro
E há de haver o diabo a quatro!
Nada, que eu sou seu patrício!
Haverá chuva de flores...
Musicata no jardim...
Balões chineses... assim!

(*Gestos de que serão muitos.*)

Poesias de bons autores!
Ao terminar a função,
Ao som de duas charangas,
Os fanáticos em mangas
De camisa ficarão.
Eu, que não sou nenhum gebo,
Organizei pr'esta atriz,
Uma marcha *au flam-b-a-u-x*,
Porém com velas de sebo,
Um belo carro ela toma,
Mas, antes de entrar em casa,
Há de, embora não lhe apraza,
Beber parati com goma.
Metidos entre os varais
Do carro a que ela subir,
Nós havemos de suprir
A ausência dos animais!
Mas basta de dar-lhes trela!
Ando c'os preparativos
Para que tenha atrativos
Tão barulhenta o vadela!

(*Sai com a atriz, depois de novos cumprimentos.*)

ANTÔNIO JOSÉ - Como fala este rapaz!

CONSELHEIRO

- E a pobre da atriz, coitada,

De um modo atroz debicada,
Deve andar de pé atrás.

CENA V

CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ, KEAN, OUTROS KEANS.

(Os Keans aparecem trazendo cada um uma cadeira na mão.)

CONSELHEIRO, MAGDÁ e ANTÔNIO JOSÉ - Oh! que é isto?

KEAN

- Eu sou o Kean,
Quando, no ato terceiro,
Se veste de marinheiro
Na cena do botequim.

ANTÔNIO JOSÉ

- Estes senhores, já vejo,
São todos Keans... não me engano...

KEAN

Ah! nós temos Keans este ano
Por atacado e a varejo!

Coro

KEANS

Dos Keans que o mundo conhece
A coleção aqui está;
E quanto mais Keans houvesse,
Mais Keans estariam cá.

PRIMEIRO KEAN (*Declamando.*)

Nós temos o Kean... Brasão
E pesa bem um Kean tal,
Por isso é bem natural
Do povo a consagração.
Nós temos o Kean Giovani,
Que, não sendo um manequim,
Não é, todavia, um Kean
De quem a arte se ufane.
Temos o Kean... Braga.

CONSELHEIRO - Oh! Oh!

KEAN

- Não é nenhum Kean à toa,
Mas temos o Kean Lisboa
Que parece um Kean gombó.

CONSELHEIRO

- Pois é artista terrível
Na opinião de muita gente;
Faz não só um Kean possível,
Como até um Kean decente.

KEAN

Vamos ter. (Oh! que o destino
Dos Keans a raça dissipe!)
No Príncipe, o Kean - Filipe,
E no Santana, o Kean - Nino.
Mas de todos esses Keans,
O de mais aceitação
É decerto o Kean - Brasão,
Que tem do povo os quindins.
Se o Jordão pergunta assim,
Fazendo o anúncio: - Que drama
Quer que eu bote no programa?
Diz o Braga: - Bote Kean.
(*Os Keans repetem o coro e saem.*)

CONSELHEIRO - Que brava gente!

ANTÔNIO JOSÉ

Pois sim!
Parecem bem contrafeitos
Alguns daqueles sujeitos.

MAGDÁ - Julgam que o Kean é o Nhô Quim.

CENA VI

O CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ, o FISCAL, depois FRANCILLON, depois LUCRÉCIA BÓRGIA.

O FISCAL (*Entrando esbaforido.*)

- Socorro! Socorro!...

Acudam, que eles aí vêm
A perseguir-me!...

CONSELHEIRO, MAGDÁ e ANTÔNIO JOSÉ - Eles quem?

O FISCAL

- Se me não escondem, morro!
Ah! parece-me que, agora,
Já me perderam de vista!
Porém vinham-me na pista
Por esse Rossio fora!

ANTÔNIO JOSÉ - Mas quem? Meirinhos?

MAGDÁ- Soldados?

CONSELHEIRO - Credores?

ANTÔNIO JOSÉ

- Ou inimigos?
Que é lá?

O FISCAL

- Uma récuca de mendigos
Famintos, esfarrapados!

CONSELHEIRO - Mendigos? que lhe queriam?

O FISCAL

- Esmolas de dez tostões.
Violentas imprecações
Em coro me dirigiam.
Do Recreio o empresário
Teve hoje grande despesa:
Para festejar da empresa
O faustoso aniversário,
Abriu da bolsa os cordéis,
Puxou pelos belos cobres,
E mandou dar a cem pobres
Esmolinhas de mil réis.
A capital do Brasil
Não sabe os pobres que tem:
Olhem... convidamos cem,
E apresentaram-se mil!
Eu, que estava encarregado

De por co' dono a cobreira,
Tive tão grande canseira,
Que quase morro esfalfado!
Fui obrigado a fugir!
Livre do perigo me acho...
Mas se eles estão lá abaixo,
Esp'rando ver-me sair...

ANTÔNIO JOSÉ
Diga-me... Saber preciso!
Não leve a pergunta a mal...
O que é lá você?

O FISCAL - Fiscal.

ANTÔNIO JOSÉ - E o que é que faz?

O FISCAL - Fiscalizo.

ANTÔNIO JOSÉ
Que tem havido de bom?...
(De bom no tocante à arte)
No Recreio este ano?

O FISCAL
- À parte
A Lucrecia e a Francillon,
Que são dois grandes primores
Como os não faz toda gente,
E virão diretamente
Apresentar-se aos senhores,
Houve a *Família Fantástica*.
É muito boa família...

ANTÔNIO JOSÉ
Tenho ao gênero quizília,
Que é do teatro a ginástica.

FISCAL - Houve mais o *Vinte Nove*.

MAGDÁ - Qual? o que anda pelas ruas?

O FISCAL
O do tempo do Dom Fuas,
Coitado! Já não comove.

Pelo empresário mandado,
Eu fui, numa noite escura,
Tirá-lo da sepultura
Em que se achava enterrado.

ANTÔNIO JOSÉ

- E deu no vinte o empresário
Pondo o *Vinte e Nove*?

O FISCAL - Nada.

CONSELHEIRO

- Com peça desenterrada
Embirra o público vário.

O FISCAL

- Oh, que opinião obtusa!
Conquanto em cinzas desfeito,
Foi perfeitamente aceito
O Naufrágio da Medusa.
Parecia um drama novo!
Teve o público sufrágio!

CONSELHEIRO

Foi o único naufrágio
Que pôde agradar ao povo.
E o Guilherme?

O FISCAL - Está co'a gente.

ANTÔNIO JOSÉ - Ah! Ah!

O FISCAL

- Trouxe-nos este ator
O Prestidigitador,
Em que vai perfeitamente,
E a grande Grande Avenida,
Peça arquipiramidal,
Que, na Espanha e em Portugal,
Foi cem mil vezes ouvida.
Adeus.

Os OUTROS - Adeus.

(*O Fiscal indo a sair, encontra-se com Francillon e apresenta-a. Sai.*)

FRANCILLON

- Procuo um pintalegrete,
Pra levá-lo a um gabinete
Reservado da Maison.

(Ao Conselheiro.) Meu velho, comigo vem!

CONSELHEIRO - Eu, senhora, um Conselheiro!

FRANCILLON

Receias gastar dinheiro?
Eu pago a ceia, meu bem.

CONSELHEIRO - Por quem me toma a senhora?

FRANCILLON

Prometo não abusar,
Vais simplesmente cear...
Pod'rás depois ir te embora.

CONSELHEIRO - Não tenho fome.

ANTÔNIO JOSÉ FRANCILLON

- Ora ouve:
Desejo que meu marido,
Pela aparência iludido,
Pense que houve o que não houve.
Aquele mau me atormenta:
Com ela fui surpreendê-lo,
Que não tem tanto cabelo,
Nem cabelinho na venta!
O beijinho das esposas
Quer que sofra esse vilão
A pena de Talião!

CONSELHEIRO - A pena de tal... e coisas...

FRANCILLON

- Porém, como eu me respeito,
E a minha virtude acato,
Não desejo ser... de fato,
Seja embora de direito.
Uma espécie de José
Do Egito procuro, amigo,

Que, estando a cear comigo,
Não passe além do café...

ANTÔNIO JOSÉ

- É bem boa, reconheço,
A idéia que hoje lhe acode,
Mas este senhor não pode...

CONSELHEIRO - E este senhor é de gesso.

FRANCILLON - Então, permitam que eu saia. (*Sai.*)

CONSELHEIRO

- Um homem minh'alma anseia,
Não para dar-lhe uma ceia,
Mas para dar-lhe uma saia.

(*Entra Lucrecia Bórgia com um B. dourado na mão.*)

MAGDÁ - Quem será esta gorducha?

LUCRÉCIA - Lucrecia Bórgia... Conhece?

MAGDÁ - De nome.

CONSELHEIRO (*À parte.*)

- Pois me parece
Mais a Maria Cachucha!

LUCRÉCIA - Vêem este B?

(*Ao Conselheiro.*) Vê?

(*A Antônio José.*) Vê?

(*A Magdá.*) Vê?

ANTÔNIO JOSÉ - V ou B?

LUCRÉCIA - B?

CONSELHEIRO - B?

MAGDÁ - B?

TODOS - B?

LUCRÉCIA
É de gloriosa memória!
'Stava o meu nome na porta
Lá no palácio pregado,
Porém veio um desalmado
E arrancou-lhe o B...

CONSELHEIRO
- Que importa?
Mande soldá-lo de novo.

LUCRÉCIA - És tolo.

CONSELHEIRO - Tolo é você.

LUCRÉCIA
- Vê que o meu nome sem b
Será o escárnio do povo.

ANTÔNIO JOSÉ - Não te percebo, vovó.

LUCRÉCIA
Não vês que chamo-me Bórgia?
Tira-lhe o B.

ANTÔNIO JOSÉ - Fica órgia.

LUCRÉCIA - Tira esse acento do o!

ANTÔNIO JOSÉ - Fica orgia.

LUCRÉCIA - Orgia!

TODOS - Orgia!

ANTÔNIO JOSÉ - *Calembur* inconveniente!

MAGDÁ - Foi uma injúria pungente!

CONSELHEIRO - Foi grande patifaria!

MAGDA
- Se lhe dá na fantasia
Tirar três letras, não uma,

Não tinha graça nenhuma
Era chamá-la de gia!

ANTÔNIO JOSÉ

- Se arrancasse o *i* e o *a*,
E, no seu lugar, pusesse
Um *e*, e depois um *s*,
Borges, ficaria, olá!

CONSELHEIRO

- Ora, adeus! o *o* tirassem,
Tirassem o *i* e o *g*,
Deixassem *a*, *r*, *b*,
Um *u*, e um *r*, buscassem;
Onde está o *o*, colocassem
Um *u*, e um *r* adiante.
Quero morrer neste instante,
Se burra não a chamassem!

ANTÔNIO JOSÉ

- Ah! mas esse peralvilho,
Troca-tintas, dizer quero,
Troca-nomes, teve, espero,
Punição!

LUCRÉCIA - Era meu filho!...

TODOS - Seu filho!...

LUCRÉCIA

- Salvá-lo qu'ria,
Mas meu marido, um tirano,
Sanguinário, desumano,
Não me atendeu!...

ANTÔNIO JOSÉ

- Todavia,
Ele era o pai, e ao suplício,
Um pai o filho não manda!

LUCRÉCIA

- Vou pôr-te de cara à banda,
Meu filho é filho ex-officio!...

ANTÔNIO JOSÉ

- Nesse caso, desgraçada,
Vai cumprir o teu destino!

LUCRÉCIA

Meu Gennaro! meu menino!
Quem deita cabeçada!... (*Sai.*)

MAGDÁ

Pobre mulher! que funesta
Estrela!

CONSELHEIRO

- Se aquele *b*
Fosse, em vez de *b*, um *t*,
Eu pregava-lho na testa.

CENA VII

*CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ, DONA JOANITA, o VESTUÁRIO VELHO E
REMENDADO, o HOMEM DOS PAPAGAIOS.*

Coplas

Eis aqui *Dona Joanita*,
Das op'retas foi a flor;
Outra peça mais bonita
Não havia, não senhor.
Já ninguém por mim palpita,
Não inspiro mais amor...
És muito caipora!
És muito infeliz!
Isto ao ver-me agora
Toda a gente diz!

TODOS

- És muito caipora!
És muito infeliz!
Isto, no vê-la, agora
Toda a gente diz!

II

DONA JOANITA

- Maltratou-me tanta gente,
Tanta gente me estragou,
Que nem sombra infelizmente
Do que fui agora sou.
Vou morrer como indigente...
Num hospício morrer vou...
És muito caipora! etc.
(*Chorando e declamando.*)
Dona Joanita morreu...
Pelo passado suspiro.

MAGDÁ - Coitada!

CONSELHEIRO

- O último tiro
Foi a Nághel quem lhe deu...

DONA JUANITA - Adeus! (*Sai.*)

MAGDÁ - Sorte desumana!

ANTÔNIO JOSÉ - Aterradora desdita!

CONSELHEIRO

- Já não é Dona Joanita:
É antes a mãe Joana...

(*Vendo entrar o Homem dos Papagaios.*)

- Amigo, quem é você?

O HOMEM DOS PAPAGAIOS

- Sou um grande vagabundo;
Vivo a enganar meio mundo
E sempre encontro com quê.

CONSELHEIRO - Onde vem?

O HOMEM DOS PAPAGAIOS

- Da Detenção.
Pra lá mandou-me um juiz.

ANTÔNIO JOSÉ - Ah! não foi pelo que eu fiz.

CONSELHEIRO - Pelo que eu fiz, também não.

MAGDÁ - E agora?

O HOMEM DOS PAPAGAIOS

- Vou dar um plano:
O Ferrari cá não vem;
Os fluminenses não têm
Teatro lírico este ano.
Vou, portanto, organizar,
Com elementos da terra,
Companhia que na berra
Inda verão que há de estar.

MAGDÁ (*Contente.*) - Vamos ter lírico!

CONSELHEIRO

- Filha,
Não creias nele.

O HOMEM DOS PAPAGAIOS

- Pois creia.
Já tenho peça de estréia:
O Barbeiro de Sevilha.

ANTÔNIO JOSÉ

- O Barbeiro? Rua! rua!..
Ó meu grandíssimo burro,
Sai, se não queres, cum murro,
Ir de catrâmbias à Lua!

(Expele o Homem dos Papagaios, que sai.)

Que atrevimento! Rossini
Posto em cena - faze idéia!
Por quem saiu da cadeia.
E...

CONSELHEIRO - Amigo, não se amofine.

CENA VIII

*O CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ, PRIMEIRO ATOR, SEGUNDO ATOR,
UMA ATRIZ CANTORA, ATORES e ATRIZES DA COMPANHIA DE ZARZUELAS.*

(*Entram todos cantando e dançando a Zamacoeca da Zarzuela Los Sobrifiros del Capitán Grant.*)

PRIMEIRO ATOR - *Vea usted la compania De Zarzuelas!*

ANTÔNIO JOSÉ - Já vi.

ATRIZ CANTORA

- *Suceso haceme aqu
Mucho mayor que en Bahia*

CONSELHEIRO- *Sois mui guapos.*

ATRIZ CANTORA - *Como vedes*

MAGDÁ- *És linda!*

ATRIZ CANTORA - *Una sierva vuestra.*

CONSELHEIRO

- *Quieremos ver una amuestra.
Del repertorio de ustedes.*

ATRIZ CANTORA (*Ao Primeiro Ator.*) - *Lo quieres, chico?*

PRIMEIRO ATOR

- *Lo quiero.
Como no, mi bonitota?*

ATRIZ CANTORA - *Vamos darles una jota.*

CONSELHEIRO - *Que tenga mucho salero.*

(*Cantam a jota da zarzuela La Nueve de la Noche.*)

ATRIZ CANTORA

- *Bien, vamos, que no pudimos
Demoramos, mis señores.
Adiós.*

CONSELHEIRO - *Adiós, mis amores!*

ATRIZ CANTORA - *Espectáculo tenemos.*

(*Saem repetindo um motivo do coro.*)

CONSELHEIRO

- *La espanola cantoria*
Palpitar hace mi pecho!

SEGUNDO ATOR (*Que vai a sair por último.*)

- *Yo soy el brazo derecho*
De toda la compania.

CENA IX

CONSELHEIRO, MAGDÁ, ANTÔNIO JOSÉ.

PRIMEIRO ATOR

ANTÔNIO JOSÉ

- Bom: 'está acabada a revista
Do movimento teatral;
Eu volto ao meu pedestal...
Amigos, até à vista.

CONSELHEIRO

Espera: o *Éden-concerto*
Hoje inaugurar-se vai.
Vamos vê-lo?

MAGDÁ

- Mas por quê...
Um homem de gesso!...

ANTÔNIO JOSÉ

- É certo;
Mas tomarei a figura
De um indivíduo qualquer.

CONSELHEIRO - Deveras? Qual há de ser?

ANTÔNIO JOSÉ - Pois procuremos... procura...

CONSELHEIRO - Uma figura de artista?

ANTÔNIO JOSÉ

- Qualquer serve... a de um ator.
Eu tomo seja qual for...

CONSELHEIRO (*Com uma idéia.*)- A do Batata cambista!

ANTÔNIO JOSÉ

Pois seja! Como num sonho

Me metamorfosearei;

O tal Batata serei

Pelo poder de que disponho.

MAGDÁ - Mais tempo aqui não percamos.

ANTÔNIO JOSÉ

- Já que com bons modos pedem,

De súcia vamos ao Éden!

CONSELHEIRO - Vamos!

MAGDÁ - Vamos!

ANTÔNIO JOSÉ - Vamos! (*Saem.*)

(*Mutação.*)

QUADRO VIII

No Éden-concerto.

CENA I

ESPECTADORES, um INGLÊS, um ESPECTADOR, depois o HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA, e, mais tarde, o CAFÉ ORIENTE.

Coro

Como é bom!

Vai sempre haver aqui gente do tom!

Muito teremos que folgar e rir!

O prazer

O seu reinado aqui vai exercer!

Não há, pois, resistir!

O INGLÊS (*A um Espectador.*) - *Oh, yes! estar very beautiful Eden-concerta!*

ESPECTADOR - Ah! *mussiú*, ainda não viu nada! Quando ouvir a moça gorda cantar, é que há de ficar satisfeito.

O INGLÊS - *Oh, no! mim no gostar de moce gorde... gostar de moce magre... pequeninho... Que instrumenta toca moce pequeninho?*

ESPECTADOR - Ah! é *Mademoiselle* Olga! Não toca instrumento algum, *mussiú*: canta também.

O INGLÊS - *Ah! very well. Mim vai ouve e oferece uma rama bonita.*

ESPECTADOR - *Mussiú* já foi ver a exposição permanente?

O INGLÊS - *Permenenta? no! onde estar permenenta?*

ESPECTADOR - Ali, naquela sala... Vai ver, que vale a pena.

O INGLÊS - *Estar ali para prende gatuna?*

ESPECTADOR - Qual gatuno o quê? Falo da exposição.

O INGLÊS - *Ah! exposição... Yes, mim vai ver.*

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA (*Entrando e indo ao Espectador.*) - Não sabes? Marquei duzentos e cinquenta pontos.

ESPECTADOR - Duzentos e cinquenta! O quê?

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - Duzentos e cinquenta! Na cabeça do turco!

O INGLÊS - *Aoh! estar homa de pulsa!*

ESPECTADOR - Quanto pagaste pela experiência?

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - Barato. Cada dois murros, cem réis.

O INGLÊS - *Aoh! mim no sabe português, mas cada dois parece estar asneira.*

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - O letreiro assim diz. Hei de consultar o Doutor Lopes. (*O Café Oriente entra e dirige-se aos grupos do fundo.*)

ESPECTADOR - Olha que rapariga interessante.

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - Parece que anda a oferecer a xícara que tem na mão. Dirige-se para nós. Vamos já saber quem é.

CAFÉ ORIENTE - Meus senhores, Café Oriente! Oferecemos hoje, grátis, aos frequentadores do Éden uma xícara do precioso grão.

O INGLÊS - *Aoh! xícara de preciosa grau estar dois murras!*

CAFÉ ORIENTE - Vai uma xicarinha?

Coplas

Permitam que eu lhes ofereça
Uma mostrinha de café,
Pois não há quem não apeteça
Provar daquilo que bom é.
Sem cerimônia é, pois, prová-lo,
E como é esplêndido, verão.
Mas outras noites um tostão
Pagará quem quiser tomá-lo.
Que melhor há
Ninguém dirá!
E que gostinho! Provem lá!
Quem duvidá-lo experimente
O belo Café Oriente!

II
Dá-nos prazer, produz conforto
Um gole só deste café.
E pode até fazer que um morto,
Salte da cova e fique em pé.
Restaura a força quebrantada;
Se dele usar um ancião,
Sentirá tal transformação...
Que eu até não lhes digo nada...
Que melhor há, etc.

- Quando quiserem, sem cerimônia... estamos ali... (*Sai.*)

O INGLÊS - *Mim vai tomá café. Estar deliciosa rapariga. (Sai.)*

CENA II

OS MESMOS, um LOGRADO, depois um ASTRÓLOGO, depois um REPÓRTER, depois CONSELHEIRO, MAGDÁ e o BATATA.

ESPECTADOR (*Indo ao encontro do Logrado.*) - Ora até que afinal! Julguei que não aparecesses! Onde estiveste metido?

O LOGRADO - Deixa-me, estou danado!

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - Por quê?

O LOGRADO - Nunca mais dou crédito a notícias dos jornais! Pego hoje numa folha, e leio que há um terremoto no Rio Comprido... Rachou uma montanha, e há uma pedra cai não cai... Uma pedra tão grande, que, se cai, derriba não sei quantas casas... os moradores estão seriamente incomodados... e, como os incomodados é que se mudam, os moradores mudam-se. Tudo isto leio... vou averiguar a data: não estamos em 1º de abril. Resolvo ir ao Rio Comprido. Passo pelo *Diário de Notícias*... Está um boletim no Necrotério. Aproximo-me para saber quem morreu. O boletim reza assim: "Continuam os roncões no Rio Comprido". Os roncões! não quero saber de mais nada! Tomo imediatamente o bonde. Levo o coração nas mãos. Ali pelas alturas da Rua de Itapagipe, ouço, efetivamente, um ronco. Tremo dos pés à cabeça. É um porco que levam para o Seminário. Ah! meus amigos, noutra não caio eu!

O HOMEM DOS DUZENTOS E CINQUENTA - Hum!...

ESPECTADOR - Mas, afinal o terremoto?

O LOGRADO - Que terremoto, que nada! Foi pulha! Mas não perdi o tempo: ao menos fui ver as obras do túnel. Entrei no Rio Comprido e saí nas Laranjeiras. Ah! mas estou moído como não fazem idéia!

ASTRÓLOGO (*Entrando.*) - Não a viram, meus amigos não a viram?...

TODOS - Quem?

ASTRÓLOGO - Ela, Cinira, a minha estrela! Uma estrela que eu descobri, e que desapareceu do meu firmamento! (*Vendo o Repórter, que entra.*) Ah! um repórter! Chega a propósito... vai prestar-me um grande serviço!

REPÓRTER - Qual?

ASTRÓLOGO - O senhor, que anda à cata de notícias, vai descobrir onde se oculta a minha estrela!

REPÓRTER - É impossível... Tenho entre mãos uma diligência importantíssima. Imagine que a polícia atirou no que viu e matou o que não viu. Deitou a unha num fabricante de moeda falsa, quando julgava apanhar um casal de pombinhos.

ASTRÓLOGO - Que com certeza não fabricavam notas...

REPÓRTER - Quando disse fabricante, disse mal... O homem levava uma máquina.

ASTRÓLOGO - De fazer dinheiro?

REPÓRTER - De fingir que o faz.

ASTRÓLOGO - Ora bolas!

REPÓRTER - O sujeito pretendia dá-la por bom preço a um matuto. *(Sai.)*

ASTRÓLOGO - Mas venha cá... a minha fugitiva... *(Desaparece com o Repórter. Entram o Conselheiro, Magdá e Batata.)*

BATATA

- Aqui se esconde a pessoa
Daquele Antônio José,
Morto num auto de fé
De Santo Ofício em Lisboa.
É este o Éden-concerto
Tão gabado e tão falado,
Que tem o grande Furtado
Por diretor?

CONSELHEIRO - Sim

MAGDÁ - Decerto.

BATATA - Palavra que é bonito!

CONSELHEIRO - O Furtado não é Manuel de Sousa.

MAGDÁ - Tem dedo para a coisa.

BATATA - Que gastasse bons cobres acredito.

CONSELHEIRO

- Em matéria de gosto não dá raia,
Justamente ele aí vem.

(Batata quer sair.) Então? não saia!

BATATA

- Ia ver as pequenas,
Pois há delas aqui um sortimento
De todos a contento:
Magras e gordas, claras e morenas.

CONSELHEIRO *(À parte.)* - Ora o diabo é sujo!

(Alto.) Pois até o senhor.

BATATA - Psiu... Eis o cujo.

(Entra o Diretor do Eden-concerto e dirige-se aos grupos com os quais conversa.)

CENA III

O CONSELHEIRO, MAGDÁ, BATATA, FIGURANTES, o DIRETOR, depois o ASTRÓLOGO.

MAGDÁ *(Ao pai.)*

Como é lindo o Furtado!
Inda o não tinha visto assim barbado!
Por ele amor dentro em meu peito ferve.

CONSELHEIRO - Tira a idéia daí: esse não serve.

MAGDÁ - Será também casado?

CONSELHEIRO

- Pois não sabes ainda
Que ele é o marido da gentil Lucinda?

MAGDÁ *(À parte.)* - Fernandinho, perdão!

BATATA *(Ao Diretor, que desce.)*

- Comendador, consinta
Que eu, com todo o prazer, tenha a distinta

De apresentar-lhe aqui O Conselheiro
Pinto Marques.

CONSELHEIRO - Senhor...

O DIRETOR

- Ah!... verdadeiro.

Prazer é o meu.

BATATA

- E a sua gentilíssima

Filha Dona Magdá.

O DIRETOR

- Excelentíssima!

Como quê, vieram ver meu Paraíso?

Satisfeitos então? Saber preciso.

MAGDÁ - Decerto.

CONSELHEIRO

- Com efeito,

Não pensei que isto fosse tão bem feito.

MAGDÁ - É na verdade, um Éden.

DIRETOR

- Certamente.

Só lhe falta... a serpente.

CONSELHEIRO

Mas as Evas aqui são levadinhas,

E os Adões uns janotas...

BATATA

- Sim, mas é para que eles tragam botas

E elas tragam anquinhas...

ASTRÓLOGO (*Entrando e vendo Magdá.*)

- É ela! a minha estrela!

Torno, afinal, a vê-la!...

Vem, meu querido amor; vem, meu tesouro!

Não pode haver sem ti nem *Galo de Ouro*,

Nem *Bearnesa*, nem *Mercúrio*, nada!

(*Agarra Magdá.*)

CONSELHEIRO - Querem ver que esse tipo tem pancada?

MAGDÁ - Senhor, me largue, que não sou peteca!

CONSELHEIRO (*Arrebatando Magdá.*)

- Não julgue ser alguma *fulustreca*

À mercê de casquilhos!

É solteira, e o respeito sabe dar-se,

Em breve há de casar-se

E há de, querendo Deus, ser mãe de filhos!

ASTRÓLOGO

- Não pega essa mentira!

Sua filha? Ora qual!

Esta é minha Cinira!

Há de ser filha, mas do Senescal.

BATATA

- Não te deixes levar pela aparência;

Tem razão no que diz Sua Excelência.

CONSELHEIRO - É minha.

MAGDÁ - Sou sua filha!

TODOS - É sua filha!

ASTRÓLOGO

- Bom... 'stá bem... Visto isto,

Senhores, não insisto.

Vou procurá-la! Oh! hei de reavê-la,

A minha linda estrela! (*Sai.*)

BATATA (*Com muita volubilidade.*)

- Imaginem se é possível

Um relógio sem ponteiro,

Um engenheiro sem nível,

Satisfeitos então? Saber preciso.

Um jardim sem jardineiro,

Uma casa sem janela,

Uma missa sem sacrista,

Um bonde sem manivela,

Um cosmorama sem vista;

Modista sem figurino,

Sapateiro sem tripeça,

Festa de gala sem hino,
Defunto rico sem essa;
Copo-d'água sem discurso,
Sorveteiro sem sorvetes,
Um teatro sem Castro Urso,
Um Castro Urso sem bilhetes;
Uma pesca sem caniços,
Um engraxate sem graxa,
Um mulher sem postiços,
Um São Jorge sem tarraxa.

CONSELHEIRO

Oh! que grande linguarudo
Veja ao menos se respira!

BATATA

Pois o pior do que isso tudo
É o Lucinda sem Cinira!

CENA IV

OS MESMOS, depois CANJA, um POETA, depois o CAPADÓCIO DO MERCÚRIO, depois a ACADEMIA DE BELAS-ARTES.

O DIRETOR

C... Can... Canja! Conselheiro.
Olhe ali!

CONSELHEIRO - Onde!

O DIRETOR

Não vê?
Ó menina do letreiro!
Diga lá: quem é você?

CANJA - Uma bebida afamada.

BATATA

- Produz dores de barriga.
É tal qual a limonada
De citrato...

CONSELHEIRO - Olha que espiga!

CANJA (*A Batata.*)

- És o primeiro, asseguro,
Que me tens tamanha birra!

BATATA

- Ah! és melhor que o maduro
E mesmo que a gengibirra...

CANJA - Maldizente! petulante! (*Sai.*)

CONSELHEIRO - Vexada, se pôs a fresco.

BATATA

- Anda a fingir que é refresco,
E não passa de laxante.

O POETA (*Entrando choroso e cabisbaixo.*)

- Quando o desânimo ataca
Um corpo sadio e nédio,
O corpo não tem remédio:
Morre de morte macaca.
É triste encontrar a morte
Tendo alguns meses apenas...

CONSELHEIRO - Bolem comigo estas cenas.

BATATA - Confesso que não sou forte...

O DIRETOR - Quem és, mancebo?

O POETA - Um boêmio.

CONSELHEIRO - Onde tu moras?

O POETA - Não moro.

BATATA - Que fazes?

O POETA - Soluço e choro.

MAGDÁ - Por quem choras?

O POETA

- Pelo Grémio.
Grémio de Letras e Artes,

Ouve, atende às minhas queixas!
Ó Grêmio, por que te partes?
Ó Grêmio, por que me deixas? (*Sai.*)

CONSELHEIRO

- Conheço a história do Grêmio;
Era bem intencionado,
Porém só teve, coitado!
O ridículo por prêmio.

O DIRETOR - Quem o ridiculizou?

CONSELHEIRO - A imprensa.

MAGDÁ

- Por que razão?
Ele injuriou-a?

CONSELHEIRO - Não.

BATATA - Mas, meu Deus! por que o matou?

CONSELHEIRO

- Ora adeus! a imprensa é fresca:
Do Grêmio teria dó,
Se ele fosse alguma
sociedade carnavalesca.

ACADEMIA DE BELAS-ARTES (*Entrando arrebatadamente.*)

- Ah! malcriados! tratantes!
Súcia vil de gazeteiros!
Cambadas de sapateiros!
Beidroegas! ignorantes!

CONSELHEIRO

- Reduzir o mundo a pó
Quer com certeza esta harpia!

BATATA - Livra!

A ACADEMIA

- Eu sou a Academia
De Belas-artes.

O DIRETOR - Oh! Oh!

A ACADEMIA

- Eu há dias em concurso
Pus um prêmio de pintura,
E os rapazes má figura
Fizeram.

CONSELHEIRO - Figura d'urso.

A ACADEMIA

- Mas, tratando-se de expor
Ao povo péssimas telas,
Escolhi de todas elas
Naturalmente a pior.
Tão lógica solução
Aos gazeteiros espanta!
Toda a imprensa se levanta!

CONSELHEIRO - A imprensa não tem razão!

A ACADEMIA

Que de insultar-me se farte!
Bem me importa o seu latido!

O DIRETOR - Qual foi o ponto escolhido?

A ACADEMIA - A flagelação da arte.

CONSELHEIRO

Da razão queira escutar
A fria e dura linguagem:
Pois que o prêmio é de viagem,
Mande-os a todos passear.

BATATA

- Se é, na verdade, um artista
O candidato premiado,
De prêmio tão cobiçado
É natural que desista;
Se a imprensa tanto o acachapa,
Que não persista em partir.

O DIRETOR

- É ir
A Roma, e não ver o Papa.

A ACADEMIA

- Isso resolva o rapaz!

O que eu fiz, fiz: sou quem sou.

O braço a torcer não dou!

Não volto! não volto atrás!

(Sai arrebatadamente como entrou.)

O CAPADÓCIO *(Entrando com um violão debaixo do braço.)* - Seu Furtado, andava a sua procura.

O DIRETOR - Quem é?

CONSELHEIRO - Mas não me engano: já o vi...

O CAPADÓCIO - Pode sê, seu doutô.

CONSELHEIRO - Já o vi e já o ouvi. Então? ficou bom daqueles ferimentos?

O CAPADÓCIO - Os tais das *Folia* da Guarda-velha, quando entrei naquele *sarnambi* grosso e descí *rente na poeira*? Já, sim, *senhô*.

CONSELHEIRO - Meus senhores, este homem é um grande cantador de modinhas.

O CAPADÓCIO - Antes *sesse*... Ah! mas as *modinha* já ninguém faz caso... Agora só canto *lundus*... *lundus* da minha terra... e venho *oferecê* meus serviços a seu Furtado... Se *vossia qué*, aqui mesmo *capino no duro*.

TODOS - Queremos! queremos!

O CAPADÓCIO - Então, lá vai obra! *(Canta um lundu.)* Então, que diz, seu Furtado?

O DIRETOR - Venha amanhã de dia, para conversarmos.

CENA V

OS MESMOS, a COMPANHIA FORÇA E LUZ.

CONSELHEIRO - Olá, quem é esta guapa mocetona?

A COMPANHIA - A Companhia Força e Luz.

BATATA - A tal que tem dois mil contos subscritos?

A COMPANHIA - Essa mesma; mas o meu maior capital é a eletricidade!

Canto

A COMPANHIA
Força e Luz é o meu nome, senhores,
Forte e luminosa
Por ser,
Eu mereço rasgados louvores;
Vida gloriosa
Vou ter!

CORO - Tão bela empresa famosa será!

A COMPANHIA
- Verdade aqui falais,
Porque mais
Bela empresa
Decerto que não há!
Muito cobre, com certeza,
Para os cofres meus virá!
Vão eletricidade
Por toda a parte ver!
Em breve esta cidade
Elétrica vai ser!

CORO
- Não há que ver: empresa tal
Fará furor na capital!
Sim, furor muito
Piramidal!

(A Companhia Força e Luz converte-se numa estrela de luz elétrica. Mutações.)

QUADRO IX

CENA I

CONSELHEIRO, MAGDÁ, que entram de braço dado, vindo da rua.

CONSELHEIRO - Muito bem, minha filha; agora vai descansar um pouco: deves estar fatigada.

MAGDÁ - Nem por isso, papai.

CONSELHEIRO - O passeio fez-te bem; vais muito melhor; mas, por isso mesmo, não deves abusar. E ainda não encontramos o homem... Imagina lá se o tivéssemos encontrado.

MAGDÁ - Qual o quê, papai! Todos os homens me aborrecem, nenhum me agrada.

CONSELHEIRO - Entretanto, estou mais que convencido de que o Doutor Lobão acertou com a tua moléstia. Ainda hoje deu-me por escrito o seu décimo quinto parecer. Só esta roda-viva em que temos andado, à procura do remédio que precisas, já produziu em ti sensíveis melhores. Olha que se as coisas continuassem, eu estava disposto a procurar até o tal covoqueiro... o Luís...

MAGDÁ (*Envergonhada.*) - Ora, papai, não me fale em semelhante bruto!

CONSELHEIRO - Mas tu parecias doida por ele!

MAGDÁ - Eu só amei a um homem... ao Fernandinho. Não pude ser dele, não serei de mais ninguém. (*Chorando.*) Sou muito desgraçada! muito! muito!

CONSELHEIRO - Mau! já começam os nervos... Vai descansar, anda! Toma uma colher do teu xarope, e vê se dormes um pouco. (*Levando-a até a porta.*) Vai, anda. (*Magdá sai.*)

CENA II

O CONSELHEIRO, depois DONA LIBÂNIA, depois o DOUTOR LOBÃO.

CONSELHEIRO - Cumpri o meu dever, se mais não fiz, foi porque não pude. Cumpri o meu dever é modo de falar... Mirem-se neste espelho todos aqueles que andam a fazer diabruras na mocidade. Eis o resultado que produzem os casamentos de mão esquerda. Se o Fernandinho não fosse meu filho, teria casado com ela, e não teria ido para a Europa, ou iriam ambos, e seriam ambos felizes. Mancebos! mirai-vos neste espelho! Não vos metais em frota sem bandeira! É bom, mas sai muito caro.

DONA LIBÂNIA (*Da porta, e com o rosto coberto por um véu.*) - Dá licença?

CONSELHEIRO - Entre, quem é?

DONA LIBÂNIA (*Entrando.*) - É aqui que mora o Conselheiro Pinto Marques? (*Vendo o Conselheiro, que se volta, e levando a mão ao coração. À parte.*) É ele! Cala-te, coração!

CONSELHEIRO - (*À parte.*) - Eu sei o que aquilo é. (*Alto, dando-lhe dinheiro.*) Aqui tem, minha senhora, não repare a insignificância...

DONA LIBÂNIA - Que é isto?

CONSELHEIRO - Já estou prevenido. Tome. Desculpe: não tenho um envelope à mão...

DONA LIBÂNIA - Mas...

CONSELHEIRO - Pois a senhora não anda agenciando donativos para o jubileu do Papa?

DONA LIBÂNIA (*Tirando o véu.*) - Que Papa nem meio Papa! Olha para mim... Vê que sou a tua Libânia!

CONSELHEIRO (*Estupefato.*) - A Libânia!...

DONA LIBÂNIA - A Libânia, sim, que vem de Lisboa expressamente para salvar seu filho!

CONSELHEIRO - O Fernandinho? Como assim?

DONA LIBÂNIA - Recordas-te que ele obrigou-te a dizer quem era sua mãe?

CONSELHEIRO - Sim, e depois?

DONA LIBÂNIA - Depois é que O rapaz foi ter comigo a Lisboa e disse-me tudo.

CONSELHEIRO - Tudo quê?

DONA LIBÂNIA - Que se apaixonou pela menina sem saber que era sua irmã. O rapaz estava magro que metia dó. Consultou-se um médico... e o médico receitou-lhe... uma mulher. Levamos muito tempo à procura de uma mulher.

CONSELHEIRO - Como eu à procura de um homem!

DONA LIBÂNIA - Mas qual! não havia mulher que lhe agradasse...

CONSELHEIRO - Tal qual a irmã!

DONA LIBÂNIA - Resolvi então contar-lhe tudo.

CONSELHEIRO - Tudo quê?

DONA LIBÂNIA - Era preciso muitos rodeios... tu sabes como o Fernandinho é um rapaz de brios.

CONSELHEIRO - Sai ao pai.

DONA LIBÂNIA - Isso sai.

CONSELHEIRO - Eu sou um homem brioso.

DONA LIBÂNIA - Mas não és pai dele. E foi isso o que lhe disse, que, se o não fizesse, o pobre rapaz estava ali, estava no cemitério dos Prazeres.

CONSELHEIRO (*Atônito.*) - Como? Pois o Fernandinho não é meu...

DONA LIBÂNIA - Filho? Não é, não, senhor. Pois não foste!

CONSELHEIRO (*Crescendo para ela.*) - Miserável!

DONA LIBÂNIA - Olha, Pinto Marques, bem sei que mereço a tua cólera... mas se eu te dissesse a verdade, tu retiravas-me a mesada, e então... impingi-te aquele filho... E assim o rapaz criou-se, educou-se, e hoje está um homem às direitas. Não procuravas um homem? Ali o tens!

CONSELHEIRO - E ainda se diz isto com semelhante frescura! E onde está ele, o Fernandinho?

DONA LIBÂNIA - Veio comigo... exigiu que eu viesse de Lisboa para dizer-te tudo isto de viva voz...

CONSELHEIRO - Mas onde está ele neste momento, é o que eu pergunto!

DONA LIBÂNIA - Perto daqui, à minha espera. Não se apresentará sem saber que me perdoas, e que a menina é sua.

CONSELHEIRO - Pois mande-o ter comigo imediatamente.

DONA LIBÂNIA - E eu?

CONSELHEIRO - A senhora suma-se e não me apareça mais! Se acha que é brincadeira impingir-me um filho durante vinte e tantos anos, e fazer-me andar da sala para a cozinha por não poder casá-lo com a pequena!

DONA LIBÂNIA (*Com um suspiro.*) - Ah! Pinto Marques! se quisesses... Juro-te que nunca mais!

CONSELHEIRO - Pudera! na sua idade! É o caso do soldado que não faz fogo porque não tem pólvora! Nada, minha senhora, contente-se com ver feliz seu filho, o que já não é pouco. Mas diga-me: quem é o verdadeiro pai?

DONA LIBÂNIA - O verdadeiro pai... (*Vendo entrar o Doutor Lobão.*) O verdadeiro pai, ei-lo!

DOUTOR e CONSELHEIRO - Hem?

DONA LIBÂNIA - Não me conheces, Lobão? Olha bem para mim, sou a Libânia.

O DOUTOR - A minha rapaziada!

DONA LIBÂNIA - A mãe de teu filho!

O DOUTOR - De meu filho? Já aqui não estou bem! (*Sai correndo.*)

DONA LIBÂNIA - Não me escaparás! (*Corre atrás do Doutor.*)

CONSELHEIRO (*Indo á porta e gritando.*) - Senhora, mande-me o rapaz! mande-me o rapaz!

CENA III

CONSELHEIRO, depois MAGDÁ, depois FERNANDO.

CONSELHEIRO - Creio que é esta a primeira vez que um homem dá graças a Deus por não ser pai de seu filho. Mas o Lobão... quem diria? Ora adeus! não importa! Minha filha achou o homem... que felicidade! (*Chamando.*) Magdá. Magdá! Daqui a quinze dias, o mais tardar, quero vê-los casados. Magdá!

MAGDÁ (*Entrando.*) - Que é, papai?

CONSELHEIRO - Ah, minha filha, se soubesse!

MAGDÁ - O quê? papai está me assustando!

CONSELHEIRO - Que ventura, meu amor! Prepara-te para a mais agradável das surpresas. O Fernandinho...

MAGDÁ - Diga, diga, papai!

CONSELHEIRO - Estás preparada?

MAGDÁ - Estou! Diga!

CONSELHEIRO - O Fernandinho... Espera! (*Batendo palmadas.*) Um... dois... e...

MAGDÁ - Três.

CONSELHEIRO - O Fernandinho não é teu irmão!

MAGDÁ - Não é meu irmão? Como assim?

CONSELHEIRO - É filho do Doutor Lobão.

MAGDÁ - Hein?

CONSELHEIRO - Depois tudo te contarei. É teu noivo. Não tarde aí. (*Fernando aparece.*) Ei-lo. (*Magdá solta um grito e corre a abraçar Fernando.*)

Terceto

MAGDÁ - Fernandinho!

FERNANDO

Magdá!

Eis-me de novo ao teu lado!

MAGDÁ - És o meu noivo adorado!

CONSELHEIRO

- E teu marido será,

Olá!

FERNANDO - Eu hei de ser eternamente teu!

MAGDÁ - E eu hei de ser eternamente tua!

CONSELHEIRO

- Em casa homem tinha eu

E a procurá-lo andei na rua.

JUNTOS

- Eis-me aqui!

Eis-te aqui!

Ei-lo aqui!

Que alegria!

Esqueço neste dia

As mágoas que sofri.

MAGDÁ (*Ao público.*)

- A peça está terminada;
Falta a apoteose final,
Que deve ser explicada
De um modo muito cabal...
Ali figurar devia
Uma entidade qualquer;
Um autor o homem queria,
E o outro autor, a mulher.
Pra que a questão se acabasse,
Foi chamado um mediador,
E achou que se consagrasse
A apoteose do amor.
O alvitre foi logo aceito;
O amor agrada a qualquer;
- Fica o homem satisfeito,
E satisfeita a mulher.

JUNTOS

- Fica o homem satisfeito,
E satisfeita a mulher.

(*Mutação*)

QUADRO X

Apoteose do Amor.

CAI O PANO.

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014